



O dia 5 de abril de 1998 estava prometendo ser especial. O MFC de Astolfo estava recebendo o casal Helio e Selma para apresentação e estudo do Material de Formação JESUS CRISTO: QUEM É ESSE HOMEM? e com tantos companheiros regionais estávamos todos a 1.000. A manhã foi tranquila, o almoço servido foi agradável, o desenvolvimento dos trabalhos agradava e as horas foram passando, mas quando notássemos o dia estava perdendo sua claridade.

O Helio está encerrando seu belo trabalho com o tópico "Vejam como ele os ama". E todos nós da assembléia, no grande salão, de costas para o poente. Selma, com aquela presença sempre marcante, com aquela voz tão suave, com toda sua experiência, encosta, como gata carinhosa, a sua mão no braço do marido, ele dá aquele abraço compreensivo e agora é ele que a escuta.

Ela começa assim: por favor, vamos todos virar nossas cadeiras e apreciar o nosso Deus está nos dando: vejam a maravilha deste por do sol! Vamos colorir mentalmente esta mistura de azul, amarelo, rosa, cinza e tantos outros tons, neste contraste o verde já tão escuro pela noite que se aproxima. Guardemos junto também a memória dos ensinamentos do dia de hoje e, certamente, o mundo amanhã será melhor ainda.

O trabalho apresentado pelo Helio foi ótimo, mas ao final a Selma "roubou" o show. Aplausos, agradecimentos, corações emocionados e assim foram encerrados os trabalhos. Os visitantes foram encaminhados aos seus hospedeiros e tivemos a honra de hospedar Helio/Selma e Luiz Carlos/Rita.

Boa conversa, ambiente sadio, comida gostosa e ao final foram servidas deliciosas mangas rosa, de qualidade especial que, além de beleza, tinham um sabor divino. A festa. Tempos depois, sempre que nos encontrávamos, a lembrança das mangas era assunto obrigatório.

Hoje, 18-12-2012 - trazendo do sítio algumas daquelas mangas e encerrando suas belezas, abro a correspondência do MFC e vejo aquela notícia tão dolorida.

Helio, o MFC, todos nós e tantos outros perdemos a presença de Selma. Certamente agora ela lá no Céu, está recebendo parabéns, agradecimentos e disponibilidade, pelo carinho doado aos mais necessitados, cumprimentos pela sua missão aqui na Terra traduzido pelo seu compromisso, tão fiel, ao Projeto de

Aplausos. Palmas para Selma!

MFC - Astolfo Dutra - MG

fato⁸² e razão



entecostes - 2013

CONVERSA COM OS LEITORES

Como vocês sabem a coleção de textos divulgados pela revista é sempre fruto da análise conjunta de uma equipe de colaboradores que denominamos Conselho Editorial.

O resultado final nem sempre é consenso entre todos os conselheiros e, às vezes, por falta de concordância ou da constituição de uma ampla maioria evitamos publicar textos polêmicos que possam ser mal aceitos ou interpretados por nossos queridos leitores.

Desta vez optamos por divulgar uma matéria – Adeus companheira - que traduz bem a discordância que em alguns casos se estabelece.

Cumprindo-se a vontade da maioria o texto foi selecionado, mas um dos conselheiros inconformados fez questão de registrar sua discordância considerando que a lei, embora imperfeita e merecedora de aperfeiçoamentos era importante e mesmo inadiável e a sua condenação pura e simples, como fez o autor da matéria, não seria muito cabível.

Neste caso, como em outros, ficará a critério do leitor aprovar ou não análise do autor e a oportunidade de sua publicação, pois afinal será sempre seu o juízo de nossas escolhas.

Com a posse do novo Papa não poderíamos deixar de ressaltar suas qualidades que foram resumidas numa ligeira síntese de suas atitudes e manifestações mais marcantes que simbolizam novos tempos para a Igreja.

Em homenagem ao encontro mundial de jovens que ocorrerá proximamente no Rio de Janeiro convidamos um jovem seminarista para mandar o seu recado à juventude que também nos honra com sua leitura.

E para destacar a importância da educação na formação da cidadania buscamos a experiência e o discernimento do respeitável Bispo de Belo Horizonte - D. Walmor Azevedo.

Os demais textos que integram este número certamente proporcionarão também boas reflexões.

Maio
2013

82 fato e razão

Movimento Familiar Cristão
www.mfc.org.br

Conselho Diretor Nacional

Wanir e José Freitas
Mário e Eduardo Lange Filho
Ana Aparecida e Moisés Teixeira de Oliveira
Ana de Fátima e James Magalhães de Medeiros
Aparecida e Alzenir Barroso Lopes

História e Redação

Wanir e João Borges
Mário David Bonfatti
Guiliana do Nascimento Ulysses
Ana do Carmo Freitas Schmitz
Wanir e José Maurício Guedes
Mário e Luiz Carlos Torres Martins

Assessoria

Helio Amorim
Oscavo Homem de C. Campos
Barão de Santa Helena, 68
010-520 Juiz de Fora-MG

Colaboradora Fato e Razão

Assinaturas

Livraria do MFC

Assinaturas de Publicações MFC

Barão de Santa Helena, 68

010-520 Juiz de Fora-MG

Telefone: (32)3214-2952 de 13:00 às 17:00h

E-mail: livraria.mfc@gmail.com

Pré-Flight e Impressão

Gráfica

Rui Barbosa 440 galpão 7

045-410 Juiz de Fora-MG

Telefone: (32)4009-1300

E-mail: tamento@digrafica.com.br

Arte e diagramação

Derson Nogueira - amarartesvisuais@gmail.com

Publicação restrita sem fins comerciais

Assumir a causa dos pobres	5
Helio Amorim	
10 gestos inesperados de um Papa surpreendente	8
A entrega da alma e do corpo à pessoa amada	10
Itamar D. Bonfatti	
A raiva das elites e a espiritualidade	12
Jung Mo Sung	
PEC das Domésticas corrige omissão da Constituição: entenda o que muda	15
Adeus, companheira	17
Fabio Blanco	
De pobreza e compaixão	19
Nei Alberto Pies	
Empreste seu cérebro a um adolescente	21
Suzana Herculano-Houzel	
Estado, Governo, Povo: Dificuldades de uma relação de cidadania	23
Oscavo Homem de Carvalho Campos	
Horizontes da Religião	26
Eduardo Hoormaert	
Os sacramentos humanos	29
Helio Amorim	
Indisciplina: Problema de quem?	31
Juventude: um convite à escuta, à renovação e à fraternidade	33
Perdido em 2043	38
Luli Radfahrer	
Questão de método	42
Vladimir Safatle	
Urgências Educativas	44
Dom Walmor Oliveira de Azevedo	
Papel de pão	46
Ana Paula Pontes	
Pentecostes: 'a coragem de deixar-se conduzir pelo Espírito'	51
Pe. Adroaldo Palaoro SJ	
O tempo e o Concílio Vaticano II	55
Rodrigo Botero Montoya	
Devemos olhar para os pobres para servir ao Senhor que amamos	57
Pe. Fabricio Beckmann	
Subsídio para encontro de noivos	59
Evangelização e Missão Profética da Igreja	62

Audiovisuais em



O MFC e o Instituto da Família - INFA - oferecem programas em DVD
Em cada DVD, vários programas de 15 minutos

"Bate-papos" provocativos sobre questões que afetam a família e a sociedade. Para serem usados:

- em reuniões de equipes e grupos do MFC
- em reuniões de pais e professores nas escolas
- em canais de televisão, rádios e Tvs comunitárias
- em encontros de noivos ou de casais
- em múltiplos outros eventos

Para encomenda
Livraria MFC
(32)3214-2952
de 13:00 às 17:00
livraria.mfc@gmail.com



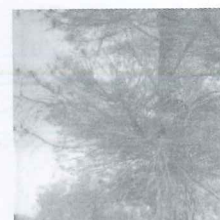
MFC
Movimento Familiar Cristão
infa - Instituto da Família
PROGRAMAS BATE-PAPO

DVD 1
"Drogas: dependência e recuperação"
"Drogas: mitos e preconceitos"
"Violência na família"
"Família na escola"
"Diálogo & diálogo"
"Violência e insegurança"
"Separação e divórcio"



MFC
Movimento Familiar Cristão
infa - Instituto da Família
PROGRAMAS BATE-PAPO

DVD 2
"Drogas desafio para o educador"
"Drogas: da negação à onipotência"
"Crianças agressivas"
"Aprendizagem bloqueada"
"Motricidade oral"
"A família moderna"
"Sexualidade"



MFC
Movimento Familiar Cristão
infa - Instituto da Família
PROGRAMAS BATE-PAPO

DVD 3
"Violência urbana"
"Insegurança e medo"
"Idade e maturidade"
"Ética - princípios que regem as relações humanas"
"Ética na política"
"Auto-estima sem narcisismo"
"Casamento rompido"
"Relacionamento conjugal e familiar"
"Identidade e auto-realização"



O Papa Francisco desafia os cristãos a assumir, com ele, a opção pelos pobres e contra a pobreza extrema que desumaniza metade da população mundial. Já se sabe que esse será um foco do seu pontificado como tem sido sempre na sua condição de cardeal na Argentina. Trata-se da adesão dos cristãos à luta dos pobres e espoliados contra os mecanismos de exclusão que os condenam à desumanização.

Assumir a causa dos pobres

Helio Amorim*

É assumir a causa dos excluídos e apostar tudo na construção de uma sociedade justa e solidária, em que haja equidade na distribuição da riqueza, com a superação do absurdo abismo que separa ricos e pobres, uma afronta intolerável ao projeto de Deus.

Jesus fez essa opção. Não há discursos e exegeses conciliadoras capazes de atenuar essa escolha conflitiva de Jesus pelos excluídos da sociedade de seu tempo. "Felicizes vocês, pobres... Ai de vocês, ricos..." - é esse, na versão de Lucas, o discurso de Jesus sobre a Boa Nova que, segundo ele, é jus-

tamente anunciada aos pobres. Na verdade, esse discurso está longe de ser uma boa notícia ou evangelho, para os ricos. Se anunciamos que os oprimidos serão libertados da opressão, essa é uma boa notícia para eles, mas uma notícia preocupante para aqueles que os oprimem. Se lutamos para que aumente a sua fatia na partilha do bolo, estaremos avisando que vai diminuir a parte dos que o comiam sozinhos.

A lógica é irrefutável. O atendimento às reivindicações das classes mais pobres atinge os privilégios das classes favorecidas. Lutar por esse objetivo no interior da própria classe, nas associações, sindicatos, partidos e

outras entidades formadas por pessoas, famílias ou grupos das classes médias, equivalerá a uma espécie de "traição de classe". Assim será interpretado por muitos. A rejeição é esperada. Este é o desafio.

Na associação de moradores, seria lutar pelo atendimento prioritário das necessidades da população favelada do bairro, mesmo em prejuízo das justas reivindicações dos demais moradores. Nos sindicatos patronais será defender as propostas das classes trabalhadoras, com os argumentos claros e veementes de quem fez uma verdadeira opção pelos pobres. No exercício de funções públicas e na militância partidária, há de ser a promoção das mudanças estruturais que levem à equidade e à justiça, em benefício dos excluídos, conhecendo a inflexível matemática que indica os consequentes danos para as classes privilegiadas.

E ir mais longe: colocar os talentos e recursos técnicos e intelectuais das classes médias a serviço dos movimentos de libertação que surgem das classes populares. Estas têm a força propulsora irresistível para exigir as transformações urgentes de estruturas sociais injustas. Nas classes médias estão muitos dos que serão capazes de ajudar na elabo-

ração de novos projetos políticos com o seu instrumental técnico intelectual. Esse pacto de classe que estabelece uma relação intercultural funcional e eficaz pode ser decisivo num processo de libertação, desde que os primeiros das classes privilegiadas não se arroguem o papel de condutores do processo, que cabem àqueles que lhe dão força e consistência. Cabe-lhes, sim, incentivar a organização dos setores populares mas não lhes cabe conduzir essa organização. Deles espera-se que ajudem a traduzir as formulações adequadas as autênticas aspirações das classes a quem querem servir. A eles não se pede que elaborem ideologias de gabinete para as quais pretendam adesão das classes populares, modalidade de ranço populista finalmente ultrapassada.

A atitude que se espera dos cristãos que deram esse passo é a de um serviço desinteressado, talvez pouco gratificante para os que não pudessem esperar certo prestígio pessoal que não afina com o espírito dessa opção.

Esses cristãos encarnam a verdade de Mateus sobre o mesmo discurso de Jesus: "Felizes os pobres em espírito...", com que o evangelista inclui aqueles que não sendo pobres aderiram à sua causa e, em muitos casos, deram a vida por ela.

No Brasil há avanços na redução da pobreza como política de governo com índices animadores de ascensão social de muitos que estavam na base da pirâmide, mas ainda insuficiente ante a dimensão da exclusão social reman-

nescente. Há que acelerar o processo iniciado liberando mais recursos para que a utopia da igualdade deixe de ser utopia.

* Helio Amorim é Membro do Movimento Familiar Cristão - MFC

Clarice e Drummond

Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso. Nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro.

Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.

Clarice Lispector

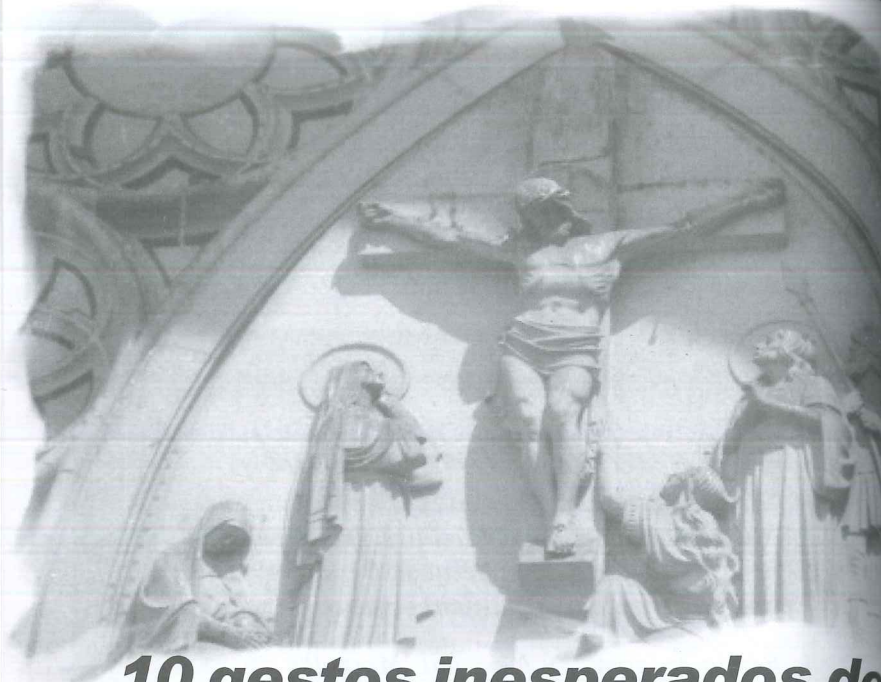
O amor é grande e cabe nesta janela sobre o mar. O mar é grande e cabe na cama e no colchão de amar. O amor é grande e cabe no breve espaço de beijar.

Ser feliz sem motivo é a mais autêntica forma de felicidade.

A minha vontade é forte, mas a minha disposição de obedecer-lhe é fraca.

Os homens distinguem-se pelo que fazem, as mulheres pelo que levam os homens a fazer.

Carlos Drummond de Andrade



10 gestos inesperados de um Papa surpreendente

CIDADE DO VATICANO, 16 DE MARÇO DE 2013.

Francisco, o Papa, não tem só no nome uma grande e inesperada originalidade. Quem o conhece, diz que ele é mesmo uma pessoa simples, humilde, descontraído, espontâneo. São gestos deste Papa surpreendente:

NÃO ME VENHAM VER EM ROMA. USEM COM OS POBRES O DINHEIRO QUE GASTARIAM.

Recomendação feita aos argentinos, por ocasião da inauguração de seu pontificado. Assim, o dinheiro da viagem deveria ser canalizado para os pobres, em gestos de solidariedade e de caridade.

- **POSSO SENTAR-ME?** - Alojado na casa de Santa Marta, enquanto o apartamento papal era preparado, ao tomar refeições com outros cardeais, ele procurava um lugar livre numa mesa para se sentar, gesto semelhante ao dos demais cardeais.

- **EU VOU DE ÔNIBUS.** O Papa Francisco recusa o carro oficial, após saudar o povo na varanda da Basílica de São Pedro, já como Papa. Assim como os demais cardeais, ele retorna à Casa de Santa Marta de ônibus, sem se preocupar com a escolta, a segurança e os batedores, de motos. (Conforme depoimento do Cardeal Timothy Dolan à rede de TV CBS).

- **QUERIA PAGAR A CONTA.** Após sua 1ª iniciativa como Papa (rezar à Nossa Senhora), foi até a Casa do Clero, onde esteve hospedado, para buscar suas malas e acertar as contas, dando exemplo aos Padres e Cardeais do comportamento esperado de todos.

- **COMO ESTÁ SUA FAMÍLIA?** - O Papa Francisco, uma vez na Casa de Santa Marta, lembrando o nome de cada funcionário, perguntava pelas famílias de cada um e por situações pessoais.

- **UM ABRAÇO E DOIS BEIJOS.** Durante o encontro com os Cardeais, afetuoso e descontraído, o Papa Francisco recebeu os cumprimentos dos Cardeais, abraçando e beijando a maioria deles. Invertendo o comportamento usual, em relação aos Cardeais da China e do Vietnã ele beijou-lhe os anéis, em sinal de respeito pelo sofrimento dos católicos naqueles Países.

- **QUE DEUS VOS PERDOE POR ME TEREM ESCOLHIDO.** Frase dirigida aos Cardeais a quem chama de irmãos, em uma comunidade baseada na amizade.

- **DISPENSO O OURO E OS SAPATOS VERMELHOS.** Continuou a usar os sapatos pretos, que trouxe de casa, dispensando os vermelhos, próprios do ritual posterior à sua eleição. Na mesma linha de conduta, continuou a usar a cruz de metal que usava antes de ser Bispo de Roma e recusou a cruz de ouro e pedras preciosas.

- **IMPROVISO.** O Papa Francisco improvisou na 1ª homilia, ocorrida na Capela Sistina. Usou uma linguagem simples, acessível e em italiano, de pé e não na cadeira papal, entre outros gestos de improviso, de conhecimento público.

- **CURVO-ME PERANTE A VOSSA ORAÇÃO.** O Papa, que deu início às tradições das vestes brancas papais, quis ter a seu lado seu amigo D. Cláudio Hummes, na varanda, pediu que rezassem por ele enquanto se inclinava diante da multidão. (Um Pai Nosso, uma Ave Maria e um Glória).

Síntese inspirada em publicação da Folha Missionária da Arquidiocese de Juiz de Fora

A ENTREGA DA ALMA E DO CORPO À PESSOA AMADA

"Como você é linda, como você é formosa, que amor delicioso! Você tem o perfume de palmeira e seus seios são cachos. Pensei: vou subir a palmeira para colher os frutos". Cântico dos Cânticos 7,8-9

Tudo que é espiritual expressa-se também através do visível assim como tudo que somos capazes de tocar e transformar humanizando, manifesta-se do mesmo modo através do espiritual. Fácil então de compreender porque na união indivisível corpo-alma, a sexualidade e a genitalidade são toques da presença de Deus através da mesma indivisibilidade, de fato uma bênção para o casal. Vendo o matrimônio nesta ótica não fica difícil entender que a vocação corporal que une duas pessoas amantes transforma toda a energia física também em força espiritual se assim sentidas. Por isso mesmo que o vínculo torna-se cada vez mais indissolúvel sem necessitar de normas legais para confirmar a sua validade e autenticidade. Mesmo porque não se pode normatizar o amor porque ele é um mistério de Deus no casamento desde que os dois se amem. Por isso mesmo que o prazer dentro do amor dos corpos está muito mais privilegiadamente ligado ao encontro do que propriamente ao orgasmo tão prazeroso. Dai que no ato de amor deve-se sentir primeiro para depois pensar.

Fazendo parte de tal mistério-insistência aqui no desde que se amem cada relação mútua terá de



ser experienciada como única cada vez, não importando que os dois tenham vivido entre eles muitos momentos gostosos. Portanto uma conquista! E diante de tanto mistério do humano o casal poderá polarizar e administrar tudo dentro do amor, não obstante as diferenças de cada um nos momentos em que a pluralidade manifesta no casal. Dai que o controle da intimidade é cheio de prazer e de fidelidade para tornar e superar conflitos e toda sorte de dificuldades.

Os dois jamais poderão se esquecer que corpo-alma estão inseridos também no desafiante crescimento dos filhos centrado no EDECAR na FÉ - aquele agir primeiro que coloca depois a oração como avaliação - assim como na FORMAÇÃO das PESSOAS realizando-se neles base sempre uma exigência cada vez maior no mundo do agora, onde são evidenciadas estranhamente com

virtudes, o canibalismo econômico, rasteiras, competições desenfreadas inerentes ao sucesso quando do chamado "alpinismo social". Nisto tudo habita um momento forte da caminhada do casal: o exercício do perdão mútuo após desencontros que podem desembocar em fortes atritos comuns entre duas vidas que desejam crescer a dois.

Na vocação do amor homem-mulher, o total do corpo-alma terá de ser envolvido. Faltando algo corre-se o risco do empobrecimento da plenitude amorosa do dia-a-dia onde nunca deverão ser esquecidos os órgãos do sentido porque no espiritual-corpóreo cria na relação do casal pedaços de luz no corpo todo. Por isso mesmo jamais fazer algo com o corpo do outro sem o seu consentimento porque um pode apagar a luminosidade de quem com ele convive. Fácil assim entender porque o rentável comércio do sexo pelo sexo - um dos pratos prediletos da safadeza do modelo hedonista e consumista - leva as pessoas ao vazio e ao frustrante do apenas genital industrializado onde o tato e o olhar sobre o corpo são motivadores apenas do lucro bem fácil.

Bom lembrar que na realidade sacramental do matrimônio não apenas toques e olhares devem conduzir o prazer emocional e físico mas também a audição, olfato e o sabor. O jogo de acréscimos contido no afeto assim como gestos e palavras tornam-se essenciais à relação amorosa que tanto humaniza e portanto anuncia a presença de Jesus Cristo entre os dois. Será modo de não se cul-

tivar o desperdício do corpo quando visto como algo apenas descartável, aliás esperta e inteligentíssima cartilha do atual modelo econômico proclamado no mundo todo.

Somente a partir desta busca nada fácil, poderemos sentir a vocação de amar e com ela se chegar ao vivencial da dimensão espiritual do SACRAMENTO do MATRIMÔNIO, aquela do amor "sempre se casando" porque nesta relação amorosa tudo deverá estar sendo conjugado no gerúndio... jamais no particípio passado. Assim quem se diz "estar casado" - um particípio passado que pode sugerir algo que se aproxima do estático - corre o risco da não-busca da conversão constante porque a vida conjugal no espiritual e no corpo é mutável porque é dinâmica. Assim não havendo diálogo na procura da pessoa toda, tudo morrerá numa cerimônia religiosa e cartorial equivocadamente chamada por aí de "casamento".

Por isso mesmo que aquelas letras frias da lei de fato são necessárias mas absolutamente insuficientes. Alias sempre bom lembrar que na vida a dois a busca constante do necessário e do mínimo suficiente são essenciais sacramentais. Tem mais: ao contrário de que muitos pensam - com o perdão dos colunistas sociais - bufês, espaço de clubes alugados, vestuário de última moda, templos cheios de luz e enfeitadíssimos assim como papeis escritos e assinados não são sinônimos de indissolubilidade.

Itamar D. Bonfatti
MFC da Igreja que está em Juiz de Fora



A raiva das elites e a espiritualidade

Jung Mo Sung

Há na raiva que as elites dominantes sentem em relação às lideranças que questionam o status quo, como Lula, Obama ou Chávez, algo que vai além da “luta de classes” ou da defesa dos seus interesses econômicos. Essa raiva, que alguns procuram esconder atrás de discursos “civilizados”, aparece nas ironias e acusações genéricas nos grandes meios de comunicação e também no radicalismo político visto, por ex, na direita norte-americana na eleição presidencial, visando não permitir a reeleição de um presidente que é negro e, para piorar, pretende aumentar gastos sociais com pobres e imigrantes. A reeleição de Obama significou que um negro não ganhou a primeira eleição presidencial por acaso, por um lapso da sociedade, que a linha divisória da raça foi mais uma vez, ainda que não de modo definitivo, ultrapassada. Por isso, a raiva da elite branca tra-

dicional e dos setores médios que se identificam com ela.

No caso brasileiro, é mais claro que a teoria de classes ou de interesses econômicos não é suficiente. Como dizia Lula, quando estava na presidência, a burguesia brasileira ganhou muito dinheiro com a política econômica do seu governo e também com os programas sociais. Afinal, quando os pobres passam a consumir muito mais que antes, é a burguesia que ganha a porção maior desse crescimento econômico e distribuição de renda.

Passada a euforia de ganhar dinheiro, enquanto o mundo estava em crise econômica, a elite brasileira tradicional voltou ao seu estado normal e procura qualquer motivo para atacar a imagem de Lula e do governo da sua sucessora, a presidenta Dilma. É claro que houve e há problemas em diversas ordens no governo Lula e o atual, mas a forma como a mídia

os trata é muito diferente de como tratou, por ex, no governo Fernando H. Cardoso. As ironias, críticas imponderadas e desproporção de enfoques na apresentação dos fatos mostra, ao meu ver, um desejo – não importa se consciente ou inconsciente – de revanche ou vingança; um acerto de contas que não dá para ser medido objetivamente ou em termos econômicos.

Uma pessoa muito próxima de mim, que inconscientemente se identifica com a elite tradicional, me perguntou às vésperas da última eleição municipal em S. Paulo: “como você pode votar no Haddad, alguém indicado por Lula, que acabou com o país, que colocou o país nesse caos!”. É claro que ela estava se referindo a situação do Brasil como caos influenciada pelas notícias sobre o julgamento do mensalão e de outros comentários sobre Lula e o PT. Foi uma reação tão “irracional”, espontânea e meio fora de si, por parte dela que outras pessoas que estavam juntas na conversa mudaram de assunto para evitar situação desagradável no jantar.

O preconceito contra Lula não se explica meramente por “interesses econômicos” ou por “luta de classes”. Capitalistas “puros”, aqueles que não deixam que nada (ou quase nada) interfira no cálculo dos interesses econômicos

não teriam muito problema com um novo governo estilo Lula. Pois sabem que a distribuição de renda (que é diferente da distribuição de riqueza acumulada) é hoje um fator importante na acumulação do capital. O problema é que os capitalistas são também pessoas de carne e osso, com preconceitos culturais e problemas de identidade pessoal.

Se a riqueza fosse suficiente para realização pessoal ou para constituição de uma identidade pessoal humanizadora, como propaga a ideologia capitalista neoliberal, essas pessoas não nutririam essa raiva e preconceito contra lideranças sociais ou políticas que representam e/ou defendem a dignidade dos pobres, negros, índios, mulheres... Elas estariam satisfeitas com elas mesmas e não haveria lugar nelas para essas raivas injustificadas. Esses preconceitos e raiva, que vão contra seus interesses econômicos, mostram que há outras questões profundas em jogo. Revelam sua necessidade de se sentirem superiores. Sentimento esse que é desvelado, revelado como mentira, quando um negro se eleger presidente de um país racista ou quando um operário nordestino se torna presidente mais popular da história do Brasil e é reconhecido internacionalmente por suas políticas econômicas e

sociais que colocaram como o objetivo principal o direito de todos/as brasileiros/as de comer três refeições ao dia.

Governos Obama, Lula, Dilma ou Chávez têm, é claro, seus problemas, erros e também casos de corrupção; como todos governos. Criticá-los é um dever dos meios de comunicação, da sociedade civil e da oposição política. Mas, quando a raiva e preconceito dominam o "tom" dessas críticas, o que está em jogo é algo mais profundo do que luta política, liberdade de expressão ou democracia. Está em jogo o que os antigos chamavam de espiritualidade, não

uma espiritualidade restrita à vida pessoal, mas que toca a toda sociedade. (a continuar)

[Jung Mo Sung. Autor, com Míguez e J. Rieger, de "Para além do Espírito do Império", Paulus, 2012. Twitter: @jungmosung]

PROPOSTAS PARA REFLEXÃO

A) A riqueza é elemento suficiente para a realização pessoal e familiar? Justificar. B) A riqueza é elemento suficiente para identificar uma proposta centrada na inclusão social?

Jung Mo Sung
Diretor da Faculdade de
Humanidades e Direito
Univ. Metodista de S. Paulo

AVISO AOS ASSINANTES

1. Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.
2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR**, pelo telefone (32) 3214.2952, de 13:00 às 17:00 h ou pelo endereço eletrônico da livraria: livraria.mfc@gmail.com.
3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.
4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.

Temos o máximo interesse em continuar a mantê-lo como assinante.

PEC das Domésticas corrige omissão da Constituição: entenda o que muda

Rede Brasil Atual

Adital

A aprovação, pelo Senado, da Proposta de Emenda Constitucional 66, a chamada PEC das Domésticas, amplia as garantias trabalhistas para a categoria que é formada em sua maioria (mais de 90%) por mulheres de cor.

A PEC revoga o parágrafo único do artigo 7º da Constituição de 1988, dispositivo que enumerava direitos dos trabalhadores domésticos, mas que, na prática, retirava deles as garantias das outras categorias.

Direitos

A partir da emenda constitucional, empregadas, jardineiros, motoristas, cuidadores, babás, cozinheiros, entre outros, terão os seguintes direitos, que passam a vigorar e estão assegurados imediatamente a partir da promulgação do texto:

- garantia de salário, nunca inferior ao mínimo; proteção do salário na forma da lei, cons-



tituindo crime sua retenção dolosa; duração do trabalho não deve ser superior a oito horas diárias e 44 semanais; hora extra de no mínimo 50%; redução dos riscos inerentes ao trabalho, por meio de normas de saúde, higiene e segurança; reconhecimento das convenções e acordos coletivos de trabalho; proibição de diferença de salários, de exercício de funções e de critério de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil; proibição de qualquer discriminação relativa a salário e critérios de admissão do trabalhador portador de deficiência; proibição de trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de 18 anos; proibição de qualquer trabalho a menores de 16 anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de 14 anos.

Sete outras garantias dependem de regulamentação: relação de emprego protegida contra despedida arbitrária ou sem justa causa; seguro-desemprego, em caso de desemprego involuntário; Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS); remuneração do trabalho noturno superior à do diurno; salário-família pago em razão

do dependente do trabalhador de baixa renda nos termos da Lei nº 5.041/66; auxílio-creche gratuito aos filhos e dependentes até 5 anos de idade; seguro contra acidentes de trabalho.

Rede Brasil Atual
www.redebrasilatual.com
[Colaborou Alessandra Goes Al]

BOA RESPOSTA

Um mecânico está desmontando o cabeçote de uma moto, quando ele vê na oficina um cirurgião cardiologista muito conhecido. Ele está olhando o mecânico trabalhar. Então o mecânico pára e pergunta:

- 'Ei, doutor, posso lhe fazer uma pergunta?'

O cirurgião, um tanto surpreso, concorda e vai até a moto na qual o mecânico está trabalhando. O mecânico se levanta e começa:

- "Doutor, olhe este motor. Eu abro seu coração, tiro válvulas, conserto-as, ponho-as de volta e fecho novamente, e, quando eu termino, ele volta a trabalhar como se fosse novo. Como é então, que eu ganho tão pouco, o senhor tanto, quando nosso trabalho é praticamente o mesmo?"

Então o cirurgião dá um sorriso, se inclina e fala bem baixinho para o mecânico:

- 'Você já tentou fazer como eu faço, com o motor funcionando?'

Conclusão:

"QUANDO A GENTE PENSA QUE SABE TODAS AS RESPOSTAS, VEM A VIDA E MUDA TODAS AS PERGUNTAS"



Adeus, companheira

Miraram na raposa, acertaram na ovelha. É isso que acontece quando uma lei é feita apenas para satisfazer grupos ideológicos.

Fabio Blanco

Eas empregadas domésticas? Venderam a elas a ideia de que agora teriam os direitos idênticos aos de todos os empregados formais, que passariam a gozar de férias, FGTS, horas extras... E algumas estavam até comemorando, pois, se o pessoal lá de Brasília falou que elas têm direito, então, a partir de agora, bastaria exigí-los.

Doce ilusão! O que elas estão recebendo, e em massa, são comunicações de dispensa. Alguém pensou que seria diferente? Acreditem, o poder público não pode direcionar o mercado como muitas pessoas acham que ele pode. Ele tenta, cria normas, faz leis, impõe regras, mas, no fim das contas, o fator decisivo sempre será a oferta e a procura.

O que os fazedores de lei esqueceram, neste caso, é que o trabalho doméstico, se muitas vezes parece indispensável, é uma necessidade de natureza bastante diversa em comparação ao traba-



lho em uma empresa comercial. Esta, por definição, precisa de empregados para existir, para prestar seus serviços, fabricar seus produtos, vender seus bens. Sem funcionários uma empresa não existe. O trabalho doméstico, pelo contrário, por mais que pareça indispensável, em sua ausência não se altera a natureza do domicílio. Pode causar alguns transtornos, mas o lar permanece um lar, com ou sem empregada.

Ora, bastava dar uma olhadinha para países mais ricos, como os EUA e Canadá, para saber que o endurecimento de regras trabalhistas, ao invés de colaborar para o implemento de direitos, de fato, impedem sua efetivação. Nesses países o trabalho doméstico é quase inexistente. Com exceção de pessoas com muito dinheiro, poucos se atrevem a contratar um trabalhador

doméstico com todos os encargos que lhe são peculiares. Porém, nesses países mais ricos o impacto dessa impossibilidade é absorvido por outras oportunidades de emprego. Aqui no Brasil, porém, onde ainda para pessoas sem formação específica a oferta de trabalho não é assim tão abundante, conceder direitos formais, ao invés de conceder ganhos para os supostos beneficiados, é o que acaba promovendo o desemprego.

O resultado dessa lei será, portanto: a demissão em massa de trabalhadoras domésticas, lançando-as para o trabalho autônomo de diaristas, com o óbvio aumento de oferta desse tipo de serviço, com a consequente diminuição dos valores de remuneração, exatamente por causa da concorrência. Quiseram favorecer os empregados, acabaram apenas favorecendo os patrões. Principalmente aqueles que sempre fugiram de arcar com os custos trabalhistas. Miraram na raposa, acertaram na ovelha.

É isso que acontece quando uma lei é feita apenas para satisfazer grupos ideológicos. Estes, normalmente, são terrivelmente míopes para a história e para os fatos. Vêem tudo pela ótica do explorador e explorado, pela luta de classes e não percebem que, na realidade, as relações são bem mais

complexas do que isso. O que mais ouvi, nestes dias, foi a reclamação da libertação das domésticas do fim de sua escravidão, e que era a última conquista que restava na área trabalhista. Porém, se nunca se perguntaram o motivo delas possuírem menos direitos que os trabalhadores de empresas? Talvez, sim. Porém, como é de praxe, concluíram que devia-se a preconceito, interesse ou segregação.

Ao que parece, que nenhum deles parou para pensar é que a natureza do trabalho doméstico é completamente diferente do trabalho empresarial. Melhor dito: o empregador doméstico jamais pode ser colocado em pé de igualdade com o empresário. Este, ao pagar salários, incorpora esses custos nos preços de seus produtos e serviços. Por isso, o número de funcionários que possui depende, diretamente, da projeção de vendas e negócios que espera realizar. O empregador domiciliar, pelo contrário, paga sua empregada doméstica com o dinheiro de seu próprio bolso, sem possibilidade de reembolso. Aqui, funcionário é apenas gasto; lá, é investimento.

Por tudo isso, já se pode considerar esta uma das piores leis trabalhistas da história.

Fabio Blanco é advogado e teólogo.

"Se eu dou comida a um pobre, chamam-me de santo, mas se eu pergunto por que ele é pobre, chamam-me de comunista"
(Dom Helder Câmara)

A defesa das causas dos pobres é uma tarefa muito árdua. Exige-nos mais do que compreensão, discursos e teorias sobre a pobreza, mas, sobretudo, compromisso e compaixão. Somos muito preconceituosos para com o sofrimento e a situação indigna como vivem os pobres. Desconhecemos a sua realidade e não queremos mexer na raiz dos nossos problemas: a nossa forma de organizar o mundo.



De pobreza e compaixão

Nei Alberto Pies

É muito forte entre a gente a ideia de que pobres são coitados, por isso desprovidos de sorte e de bens. Se não lutam, são preguiçosos. Se lutam e exigem mudanças tornam-se perigosos. Mesmo quando passam fome, insistimos em dizer que eles ainda deveriam ser capazes de sonhar. Só a lucidez da razão e a sensibilidade podem tratar bem das questões da existência e convivência humanas. Na visão ocidental, desenvolvemos a ilusão de que só a razão nos dará respostas aos problemas humanos. Nem a razão ornamental (que serve de ornamento), nem a razão instrumental (ferramenta para transformar a realidade) são capazes de justificar o sofrimento e a realidade daqueles

que excluímos socialmente (os pobres). Os pobres não são invenção, não são uma ideia.

Os pobres são reais. Os pobres existem, e sofrem a violação da sua vida e dignidade. Leonardo Boff, defensor incansável das causas dos pobres e oprimidos, afirma que são três as compreensões que se tem da pobreza. Uma primeira, clássica, é a ideia de que o pobre é aquele que não tem. A estratégia então é mobilizar quem tem para ajudar a quem não tem, através de ações assistencialistas, sem reconhecer a potencialidade dos mesmos.

A segunda ideia, moderna, é aquela que descobre os potenciais do pobre e compreende que o Estado deve fazer investimentos para

que ele seja profissionalizado e potencializado, com vista à inserção no mundo produtivo. Ambas as posições desconsideram, na visão de Boff, que a pobreza é resultado de mecanismos de exploração, que sempre geram enormes conflitos sociais. Boff acredita que é preciso reconhecer as potencialidades dos pobres não apenas para engrossarem a força de trabalho, mas principalmente para transformarem o sistema social. Os pobres, organizados e articulados com outros atores da sociedade, são capazes de construir uma democracia participativa, econômica e social. *"Essa perspectiva não é nem assistencialista nem progressista. Ela é libertadora"*.

Só a compaixão se reveste de libertação. A compaixão não é sofrer pelos outros, mas sofrer com eles. O sofrer com os outros permite colocarmo-nos no seu lugar. Ver a partir dos seus pontos de vista e das suas realidades. É também deixar-se transformar, permitindo que os nossos mais nobres sentimentos se traduzam em ações concretas a favor dos pobres, fracos e marginalizados.

Poucos vivem a compaixão. Muitos perderam a sensibilidade, o que os impossibilita de viver a caridade e o amor ao próximo. Outros preferem atribuir aos pobres a culpa pela sua situação de miséria e vulnerabilidade. Outros discursam demo-

cracia, não perguntando se esta propicia as mesmas condições e oportunidades a todos, como ponto de partida. Porque o ponto de chegada depende de cada um de nós. Muitos, em grande número, tratam como crime a atitude de quem ajuda por causas humanitárias, quando estas exigem uma mudança na estrutura e organização da sociedade. *As pessoas são pesadas demais para serem levadas nos ombros. Leve-as no coração*", disse Dom Hélder Câmara. Este é o sentido maior da compaixão para com os pobres: não defendemos por serem bons ou justos, mas porque são parte de uma sociedade desigual, que não sabe lidar com eles. *O recém eleito Prefeito de Francisco anuncia o seu desejo: "como eu gostaria de uma igreja pobre, para os pobres". Desejem também nós praticar a compaixão para erradicar a pobreza no Brasil no mundo.*

* Nei Alberto Pies é Professor de Direito e ativista em direitos humanos. Transcrito do Correio Mensal.

VALE REFLETIR SOBRE ALGUMAS QUESTÕES:

- O que é ser pobre?
 - O que é a pobreza?
 - Você, caro leitor, é capaz de traçar um quadro real da pobreza no Brasil?
 - No combate à pobreza, as atitudes existentes são realmente LIBERTADORAS?
- Justifique as respostas.

Empreste seu cérebro

Suzana Herculano-Houzel

Você se lembra de quando era com você? Dotados de capacidades cerebrais crescentes, como raciocínio lógico cada vez mais aguçado e a possibilidade de lidar com informações abstratas, adolescentes questionam as regras que lhes são impostas pelo mundo e querem tomar suas próprias decisões.

Faz sentido: afinal, é tomando decisões e anotando os acertos e os eventuais erros que a gente aprende a tomar boas decisões.

O problema, que deixa pais e professores compreensivelmente aflitos, é que até que a adolescência termine ainda falta ao cérebro, por definição, completar o amadurecimento de uma parte crucial das boas decisões: o córtex orbitofrontal, responsável, entre outras coisas, pela capacidade de arrependimento – e, por extensão, da antecipação de arrependimentos.

O impacto é grande. Arrependimento não é apenas lamentar uma decisão ruim; é reconhecer que

outra alternativa teria sido melhor e lamentar que ela não tenha sido escolhida.

Antecipar arrependimentos, portanto, é a capacidade de levantar desde agora várias alternativas possíveis e ainda avaliar quais têm mais chances de trazer felicidade futura ou conseqüências nefastas. Essa é a base do raciocínio conseqüente para a tomada de decisões.

E é essa uma das últimas capacidades a amadurecer, lá pelos 17,18 anos – e que, certamente, continua a se aperfeiçoar com a experiência, até nos tomarmos adultos e, portanto, exímios aventureiros e avaliadores de alternativas.

Até lá, tem-se um adolescente que exige tomar suas próprias decisões, mas que ainda não sabe aventar sozinho todos os desdobramentos possíveis.



a um ADOLESCENTE

O QUE FAZER?

Tive a sorte de ser a filha adolescente de um pai que tinha uma solução ótima, antes mesmo de descobrir que a neurociência teria a mesma dica.

Em vez de decidir por mim que eu deveria abastecer o carro antes de ir para a festa, meu pai apenas me oferecia seu córtex órbito-frontal emprestado e aventava para mim as possibilidades que eu ainda não enxergava sozinha: "Já pensou que os postos podem estar fechados na volta? Você pode ficar parada na rua...". Assim ficava fácil tomar a boa decisão de abastecer na ida.

A semana é...

Para um preso: menos 7 dias...

Para um doente: mais 7 dias...

Para os felizes: 7 motivos...

Para o rico: 7 jantares...

Para o pobre: 7 fomes...

Para a esperança: 7 novas manhãs

Mas para a insônia: 7 longas noites...

Para os sozinhos: são 7 chances...

Para os ausentes: 7 culpas...

Para um gato: 49 dias...

Para uma mosca: 7 gerações

Para o empresário: 25% do mês

Para os economistas: 0,019 do ano...

Para o pessimista: 7 riscos...

Mas para o otimista: 7 oportunidades...

Para a Terra: 7 voltas...

Claro que é preciso um bocado de autocontrole para empertar sua capacidade de aventar possibilidades para os jovens sem decidir por eles. Mas, para um adulto, autocontrole já não deveria ser problema...

**Suzana Herculano-Houzel é neurocientista, professora da UFRJ, autora de "Pílulas de Neurociência para uma Vida Melhor" (ed. Sextante) e do site www.suzanaherculanohouzel.com.br*

Transcrito do Caderno Equilíbrio, Folha de São Paulo

Para o pescador: 7 partidas...

Para se cumprir um prazo: POUCO...

Para criar o mundo: o suficiente

Para uma gripe: a cura...

Para uma rosa: a morte...

Para a História: nada...

Mas para a vida: TUDO.

E para você? A semana para mim poder ser muito tempo, pois em um segundo podemos tomar decisões que nos marcam para o resto da vida...

Aproveite cada instante...

Pr. Gilmar Rampinelli

ESTADO, GOVERNO, POVO:

DIFICULDADES DE UMA RELAÇÃO DE CIDADANIA

Oscavo Homem de Carvalho Campos

A cada eleição, o Estado se organiza segundo um novo projeto de governo, um espaço de muitos desafios típicos da sociedade contemporânea na qual a ética, a honra, a verdade, a justiça, o equilíbrio e a solidariedade nem sempre são valores respeitados.

Assim, poder-se-ia comparar a sociedade brasileira, por exemplo, a uma grande composição férrea, composta por vários vagões, entre os quais se destacam a educação, a cultura, a segurança, a família, o sistema viário, a política e os políticos, entre muitos outros, seguindo uma viagem de experiências comprometidas com a construção da cidadania, fenômeno sem o qual não há qualidade de vida.

Esta enorme composição encontra, em sua viagem histórica, um contínuo risco de descarrilamento. Este risco é gerador de uma dívida social interna, cuja socialização exige cada vez mais sacrifício de todo o povo. Senão vejamos:

- Historicamente, o Estado tem sido vítima de políticas deficitárias gastando muito mais do que arrecada, sacrificando, cada vez mais a riqueza nacional e nela a jóia maior que é o povo, em função, inclusive, do pagamento dos serviços da dívida e de sua rolagem, a nível interno e externo.

- Somos uma sociedade marcada pela POBREZA. "Não é sem razão que se afirma, nas rodas intelectu-

ais, que o Haiti também está aqui". Constatações deste tipo geram a ARGUMENTAÇÃO política e econômica segundo a qual "onde a pobreza é uma realidade o essencial é o dinheiro". A este respeito, surgem algumas questões, sobre as quais vale a pena uma reflexão mais profunda, ou seja: - O ser humano deve estar a serviço do dinheiro, ou o dinheiro deve estar a serviço do ser humano? - A família, a educação, a justiça, o trabalho, o lazer, a religião, a política e tudo o mais devem estar a reboque da economia e da ordem financeira? - Para onde vai um povo marcado pelo imperioso desejo de concentração de bens e pela volúpia da riqueza por parte de uma elite dominante?

- A economia mundial, marcada por uma caminhada histórica de concentração econômica e financeira, bem como por uma grave caminhada de exclusão social "parece" viver um arrastado clima recessivo, no qual quem pode e deve não quer se preocupar em investir, a não ser na ampliação de seus lucros e seu poder, muitas vezes protegendo-se em grandes corporações mundiais. De outro lado, a grande massa populacional sufocada e sofrida clama por solidariedade, justiça, esperança, e verdade como caminho para a construção da paz e de alegria entre as pessoas, uma proposta franciscana, atualmente destacada pelo Papa Francisco.

- A história das sociedades demonstrado que o espaço pobreza e da miséria é, também, o da destruição da auto-estima, da falta de ética, da ausência de honradez, da prática da corrupção e da violência que violenta a dignidade humana. Assim, para quem não é pobre, a pobreza deve ser mantida porque passa a ser um recurso de dominação. Mas, para o pobre, é um espaço de sobrevivência, "custe o que custar". É sem dúvida um quadro que coloca em risco o "VAGÃO DA SEGURANÇA". Como todos os vagões mais vagões passam pelos mesmos trilhos, é fácil imaginar o risco que se corre neste quadro.

Indubitavelmente, a segurança, do comboio ao qual nos referimos neste artigo, passa pelo necessário e extremo cuidado que se deve ter com o VAGÃO DA EDUCAÇÃO. É nele que são depositados os indícios das fraquezas dos demais, bem como indicadores que podem levar a sociedade brasileira ao encontro de uma confortável estação chamada de QUALIDADE DE VIDA MELHOR SOCIALMENTE DENOTADA. Resta aos formadores de opinião, entre eles os leitores deste artigo, um esforço de reflexão em busca de uma educação crítica e transformadora que libertem a sociedade brasileira.

- Das pressões que objetivam a fazer da família um espaço de mercado fortalecido pelo consumismo.

- Da dominação cultural que submete o povo, desde a mais tenra idade a banalizar nosso idioma, valorizando outro; a resolver nossos conflitos pela força e violência, quando somos um povo amante da paz;

- Da submissão do jovem a um aprendizado técnico em busca de sobrevivência, em cursos rápidos que geram lucro aos proprietários

de escolas, por uma formação crítica que possibilite, a cada um, diante de cada realidade, VER, JULGAR E AGIR tendo como compromisso a sua própria conversão, e a do seu próximo, objetivando ao fortalecimento da LOCOMOTIVA CHAMADA BRASIL, COM-PROMETIDA COM A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DE UMA SOCIEDADE MELHOR.

É dever de cada cidadão descobrir o que pode e o que deve fazer!

Oscavo Homem de Carvalho Campos é Professor e membro do MFC/JF.

Cada família do MFC

Assinatura POR ANO!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias
ASSINE OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO,

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC ou efetue depósito na conta 27.249-3, agência 3139-9, do Banco do Brasil e remeta os dados pelo e-mail da Revista.
Assinatura anual: R\$ 32,00
(Trinta e dois Reais - 4 edições)

UMA ASSINATURA DE

fato e razão

**Tel/Fax: (32)3214-2952
de 13:00 às 17:00**

DISTRIBUIDORA MFC DE FATO E RAZÃO
Rua Barão de Santa Helena, 68
Juiz de Fora - MG - Cep 36010-520

HORIZONTES DA RELIGIÃO

Eduardo Hoornaert

São cinco pontos.

1. Religião não é conhecimento.

Para nossos antepassados, religião significava conhecimento. No largo período entre os anos 2000 aC e 1000 dC (entre o antigo império egípcio e a expansão do islã), em todo o âmbito da África do norte, do oriente médio e da Europa do sul, o culto a Deus era tido como 'ciência'. Tudo era interpretado por meio de imagens religiosas como caos e cosmos, criação e fim de mundo, céu e inferno, bem e mal, virtude e pecado, salvação e condenação, deus e satanás, vida e morte. Só a partir do ano mil da era cristã a compreensão da religião e dos textos religiosos começa a mudar. Há uma lenta e progressiva secularização da vida e do conhecimento que desemboca nos tempos em que vivemos.

2. Religião não é representação

Quando se fala em religião, a primeira coisa que costuma vir à mente é sua representação. Pensamos em religião protestante, islâmica, espírita, católica, hindu, budista, embora muitos já percebam que religião não é o mesmo que doutrina, moral ou dogma. Instâncias que organizam a vida religiosa não devem ser confun-

didas com a religião em si.

O dogma, por exemplo, expressa o consenso estabelecido entre participantes de uma determinada assembleia em torno de um ponto controverso. Pertence, portanto, ao registro da representação política. O mesmo se diga da celebração religiosa. Em si, a celebração não é um ato religioso, se por religião entende aquilo que passa na intimidade da pessoa (fascínio, emoção, sonho, encanto). Há como celebrar cerimônias religiosas com dignidade, sem que as pessoas envolvidas estejam necessariamente imbuídas de sentimentos religiosos.

3. Religião tem a ver com sentimento

tema neural. A religião pertence ao ser íntimo da pessoa. Jorra da mesma fonte que produz música, poesia e arte. Há neurocientistas que afirmam que a própria constituição de nosso corpo explica as persistentes tendências religiosas que observamos ao longo da história da humanidade. A religião seria a expressão de uma capacidade específica do ser humano, que consistiria na capacidade de 'sentir' a presença de algo que não se manifesta diretamente aos cinco sentidos, mas

de uma ou outra forma - se 'revela'. Algo como pressentir, no tremular do capim, a possível presença de uma cobra. A cobra se 'revela' por sinais quase imperceptíveis.

Da mesma forma, Deus se nos 'revela' e nos fornece uma explicação plausível para o emaranhado de eventos que defrontamos na vida. Em suma, a capacidade de descobrir alguma 'revelação' nas coisas ou nos acontecimentos e de costurar esses eventos 'revelados' em um todo coeso constituiria o que chamamos religião. Vale a pena acompanhar o que um neurocientista como Antônio Damásio tem a dizer sobre esse assunto, especialmente quando escreve sobre o 'cérebro sensível' (the feeling brain) e que 'o cérebro cria o homem'.

4. Religião não serve para explicar as coisas.

O discurso religioso não profere afirmações de cunho cognitivo nem emite opiniões. Não diz a verdade nem erra, se por verdade e erro entendemos coisas relacionadas à cognição. Só erra (ou acerta) quem emite opinião. O discurso religioso não tem opinião a defender, pois não descreve ocorrências nem define objetos. Sua função consiste em expressar sentimentos, dinamizar ações, oferecer segurança, ativar esperança, abrir horizontes.

No momento em que se quer saber qual o conteúdo cognitivo de determinadas terminologias religiosas como encarnação, aparição, ressurrei-

ção, ascensão, céu, inferno, milagre, salvação), elas perdem seu sentido. Pois a religião não serve para explicar as coisas, ela nos transporta para além do universo da cognição e nos introduz no universo propriamente humano da ação e revelação (no sentido acima indicado), do desejo, da esperança, do compromisso. A religião não é nem indicativa, nem afirmativa, nem informativa. Quando alguém diz 'tenho fé em Deus', ele não está se referindo a uma ocorrência, mas a uma 'revelação'. Ele está em busca de um sentido para a vida. Por isso mesmo, quem diz 'não penso em Deus', não diz o contrário de quem diz: 'tenho fé em Deus'. Apenas sente as coisas de maneira diferente. Quem diz 'depois de minha morte, serei julgado por Deus' não contradiz aquele que diz 'eu não penso no último juízo'. Pois aqui não se trata de opiniões, mas de sentimentos. É por isso que religião não se discute. Como não respeitar quem beija a foto de um ser querido, manda celebrar uma missa por seu pai falecido ou pede a absolvição dos pecados antes de morrer? Ateísmo e religião não são teorias rivais, são sentimentos diferentes.

5. Finalmente: não conhecemos a Deus.

Somos herdeiros de uma longa tradição bíblica, o que nos pode dar a impressão que 'conhecemos a Deus'. Mas, já no século XVII, o filósofo Spinoza (1633-1677) nos mostrou os perigos dessa pretensão. Ele lembra que, embora todos os teólogos digam que Deus é

mistério e que esse mistério não é desvendado pela bíblia, houve sempre tentativas para descobrir vestígios de Deus nos relatos bíblicos. Finalmente chegou-se à conclusão que esses pretensos relatos são na realidade obras literárias, com tudo que isso implica. Aos poucos, por meio de estudos pormenorizados, os pretensos relatos bíblicos, do livro êxodo, por exemplo, vão sendo despojados de sua base histórica. Até hoje nenhum documento ou monumento do Egito antigo encontrado por arqueólogos ou filólogos atesta a presença de hebreus em suas terras. Não foi encontrada em torno de Jericó a muralha mencionada no livro de Josué, apesar de exaustivas escavações.

A descrição topográfica de Jerusalém feita nos textos bíblicos referentes aos reinados de Davi e Salomão não encontra nenhuma verificação arqueológica. Não se consegue descobrir em torno do monte Sinai nenhum resto (em cerâmica, por exemplo) da passagem de um importante agrupamento de pessoas por aqueles desertos, apesar do impressionante relato bíblico da permanência dos hebreus com Moisés ao pé do monte. Os caminhos da arqueologia e da bíblia levam para horizontes diferentes. Arqueologia é ciência e bíblia é literatura. Spinoza tira a conclusão que se impõe: não é sensato falar em 'verdade' quando se fala em Deus, pois este só se aproxima de nós em forma de imagens e comparações.

O caminho para Deus passa por imaginações e afetos. Nós, seres humanos, não temos capacidade para conhecer a Deus, somos pequenos demais. Andando na superfície de um minúsculo planeta que gira em torno de uma estrela de quinta magnitude, nem conseguimos tomar consciência da imensidão em que estamos mergulhados ao longo das nossas breves vidas. Apesar de sua atividade incansável, de sua vivacidade e dos enormes progressos intelectuais e materiais, o homem avançou praticamente nada, em termos da compreensão de Deus. Nos tempos em que foi redigida a epopeia de Gilgamesh (2000 aC). Ele só consegue captar alguma coisa de Deus por meio de uma imaginação precária e incerta. Infelizmente a filosofia religiosa de Spinoza não é pouco conhecida e insuficientemente valorizada entre nós.

Eduardo Hoornaert

Teólogo, historiador, escritor

PARA REFLEXÃO:

Se o caminho para Deus passa por imaginações e afetos, pergunta-se:

a) Como estimular a imaginação humana, em uma sociedade de mercado globalizada, objetivando ao conhecimento de Deus?

b) Tendo em vista uma caminhada para Deus, que afetos podem ser cultivados pelo ser humano, diante do que é oferecido na TV, por exemplo?

A pessoa humana se exprime e se comunica através de sinais, símbolos e ritos. O sinal mais habitualmente usado é a palavra, falada ou escrita. Mas nem sempre as palavras bastam para traduzir pensamentos, ideias, sentimentos e emoções. Gestos simbólicos podem significar muito mais que longos discursos.

Os sacramentos humanos

Helio Amorim

Um aperto de mão é mais que um simples movimento de músculos e nervos, mas sinal ou símbolo de respeito, cordialidade, compromisso mútuo. O abraço ou o beijo, a carícia ou o encontro sexual, tampouco são puras manifestações físicas

ou biológicas mas expressões de sentimentos, afeto e amor. O aplauso ou a vaia são mais que sons e ruídos produzidos por mãos e vozes humanas. São gestos simbólicos que exprimem sentimentos de satisfação ou repúdio. Também objetos, coisas simples, podem ganhar um forte significado simbólico e tornar-se sinais de sentimentos profundos. Muitos desses simbolismos podem mesmo socializar-se e aderir a gestos e objetos, dando-lhes significados que ultrapassam a sua natureza e materialidade.

Ao longo do tempo, vão sendo assim entendidos por todos e de certa forma se institucionalizam. Esses simbolismos, então, se incorporam à cultura de uma comunidade ou um povo.

Assim nos vemos cercados por esses sinais e ricos simbolismos, às vezes pessoais, outros culturais. A flor ressecada que alguém guarda

há muitos anos entre as folhas de um livro, é muito mais que uma flor, simples órgão reprodutor de uma planta. É um sinal ou símbolo que, algum dia, alguém usou para exprimir o seu amor. Encontrar esse objeto simbólico ao folhear o livro, rememora o gesto e reacende sentimentos, provoca um calor interior que realimenta antigos sentimentos. A oferta de

flores como sinal de afeto é mesmo um daqueles muitos simbolismos já incorporados à cultura de tantos povos.

Uma vela grossa e já deformada que vem sendo usada em todas as celebrações mais marcantes da família (aniversários e batizados, nascimentos e mortes), é preservada com cuidado e carinho, torna-se uma relíquia familiar, porque rememora cada um desses episódios, festivos ou sofridos, que nenhuma outra vela seria capaz de recordar. Uma camisa rasgada e manchada de sangue, guardada zelosamente e exposta pelos companheiros do lavrador assassinado na luta por um pedaço de chão, deixa de ser uma simples camisa para se tornar símbolo dessa luta por justiça social. Cada vez que é vista (sinal sensível), recorda o sentido daquele triste episódio e realimenta nos companheiros (sinal eficaz) as razões, o ardor e a coragem para continuar a luta.

Se continuarmos a olhar o que nos cerca, vamos encontrar em gavetas e armários, muitos outros objetos carregados de significados que ultrapassam a sua natureza. A velha mesa herdada dos avós que se foram, na qual comemos os mingaus da nossa infância. O relógio que um pai falecido usou durante toda uma vida, e que nos faz recordar, com carinho, o seu

gesto lento de tirá-lo do bolso para consultar as horas e nos mandar para a cama dormir.

A lista, para muitos, será inminável. Esses objetos, provavelmente não terão valor mercantil e teriam sido descartados se não tivessem adquirido um significado simbólico que os torna inegociáveis.

Porque aqueles gestos e objetos já não são apenas gestos e objetos. São sinais sensíveis e eficazes, ou *sacramentos humanos*. Ganham uma força que eles mesmos não possuíam, o poder de rememorar, alimentar e reavivar os sentimentos e emoções que os primam e significam.

Ao repetirmos aqueles gestos ao ver e tocar estes objetos simples, ressurgem, com renovado ardor, a saudade, a solidariedade, o afeto, o carinho, a indignação frente à injustiça, e tantos outros sentimentos e emoções. Então somos impelidos a vivê-los mais tensamente, traduzindo-os em práticas concretas.

Assim entendido, podemos compreender melhor os *sacramentos divinos*.

Descomplicando
— Editora Paz
(Continua)

INDISCIPLINA: PROBLEMA DE QUEM?

No perverso jogo da acusação, as escolas criticam os pais, e as famílias, o ensino de baixa qualidade'

Silvia Gasparian Colello*

A indisciplina nas escolas brasileiras é um fato. Alastrando-se em diferentes instituições e segmentos do ensino, a falta de limites, o desrespeito e as ocorrências de violência e vandalismo são queixas que se multiplicam entre pais, professores e gestores. Mas, afinal, de quem é o problema e como lidar com ele?

Quando a indisciplina é encarada como um monólito, ou seja, como um bloco de ocorrências uniforme e incompreensível, resta apenas o perverso jogo de culpabilização: as escolas criticam os pais "que não educam os filhos"; os professores incriminam os alunos "carentes e desequilibrados" e as famílias culpam o "ensino de baixa qualidade". Muitos apontam para a "crise de valores, um mal do nosso tempo".

Nesses casos, pouco pode ser feito, exceto defender-se das acu-

sações, conformar-se com o "inevitável" e remediar a situação em âmbitos específicos: o professor tenta controlar a classe, o aluno suporta o bullying dos colegas, os pais repreendem o filho rebelde. Cada um lidando solitariamente com a situação, como se o problema fosse pessoal. Pior que isso, nem sempre sabem o que fazer.

Se, por outro lado, a indisciplina fosse compreendida na sua complexidade, entendendo-se, em cada caso, a conjugação de fatores sociais, institucionais, pedagógicos, afetivos e relacionais, o desafio poderia ser enfrentado na parceria responsável entre famílias, escolas e poder público. Um enfrentamento capaz de lidar com a gênese do problema (e não só com seus efeitos), articulando o projeto educativo à formação ética dos alunos.

Assim, a disciplina deixaria de ser um requisito para a eficiência

escolar, passando à meta do projeto pedagógico, tão legítima quanto ensinar conteúdos.

Enfrentar a indisciplina requer medidas conjugadas em diferentes planos de intervenção. Na esfera sociopolítica, cabe o investimento na valorização da vida, do trabalho, da educação e da escola.

No que tange a cultura, importa promover a democratização dos bens culturais, fomentando iniciativas de lazer, esporte e inserção social da juventude. No âmbito escolar, é preciso não só cuidar da formação dos professores, como também fortalecer o projeto pedagógico a partir de sólidas diretrizes para a formação humana.

A cooperação entre pais e educadores é, igualmente, indispensável para a reconfiguração da vida estudantil, pois a negociação

de metas e linhas de conduta favorece a educação em valores e conquista da postura crítica em os alunos. Sob essa ótica, talvez a questão possa ser respondida de modo mais efetivo: a indisciplina na escola é um problema de todos nós.

Silvia Gasparian Colello é professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Alfabetização e Letramento.

Extraído do Caderno Equilíbrio da Folha de São Paulo.

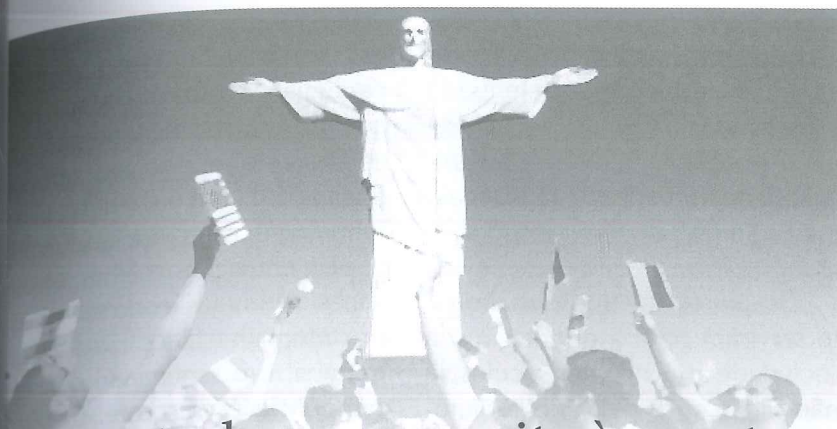
PARA REFLEXÃO: A se considerar, como sugere o texto, a indisciplina um problema de todos nós, pergunta-se:

- a) Qual é, a seu ver, a causa(s) desta situação-problema?
- b) O que todos nós podemos e devemos fazer, buscando a solução deste problema?

As quatro sabedorias africanas

Citadas por Naná Vasconcelos, premiadíssimo músico pernambucano em entrevista ao jornalista Caros Bozzo Junior da Folha de São Paulo:

“A primeira diz que a pessoa sabe, mas não sabe que sabe. Para essa pessoa, damos uma força. A segunda é a pessoa que não sabe, mas sabe que não sabe. Ela é consciente, então não atrapalha. Essa nós abraçamos. A terceira sabedoria refere-se àquele que não sabe, mas acha e diz que sabe. Esse tipo se evita. A quarta sabedoria é a daquele que sabe, sabe que sabe, e nós o seguimos. Conclui dizendo que não concorda com isso pois acha que cada vez mais gente sabe menos”.



Juventude: um convite à escuta, à renovação e à fraternidade

Fraternidade e Juventude” é o tema que a Igreja no Brasil propôs para a Campanha da Fraternidade 2013, cujo lema é: “Eis-me aqui, envia-me” (Is 6,8). Como sabemos, a Campanha da Fraternidade encabeça o ano da juventude no Brasil e seu objetivo é despertar nossa consciência para os problemas e desafios mais pertinentes vivenciados pela juventude brasileira na atualidade, como também é um momento importante para a busca de novas soluções e estratégias para o trabalho com a juventude.

Além da Campanha da Fraternidade, a Igreja no Brasil se prepara para o grande evento que se aproxima, a Jornada Mundial da Juventude, que será realizada no Rio de Janeiro no próximo mês de julho. Assim, faz-se necessário vol-

tarmos nosso olhar para as tendências, desafios e enigmas da juventude, marcada que é, por tantas mudanças no horizonte sociocultural pós-moderno. A Igreja precisa compreender melhor a situação da juventude, para assim, descobrir novas formas de seu agir pastoral junto a esse grupo.

“Para onde vai a juventude?” é a pergunta que a Igreja lança, na tentativa de compreender o rosto da juventude brasileira na pós-modernidade, e as mudanças de época pelos quais esse grupo tem passado. Quem são os jovens da atualidade? Quais são suas perspectivas? Qual é a missão da Igreja no trabalho com a juventude? O que estamos realizando para a promoção e compreensão desse grupo em nossas comunidades? Para entendermos o universo ju-

venil contemporâneo é necessário buscarmos uma visão global de todos os problemas e valores da juventude, e o ponto de partida para isso é conhecermos os significados da mudança de época pelo qual a juventude tem passado.

Os valores que tradicionalmente serviram para a orientação da sociedade ao longo dos séculos, já não são aceitos pelas novas gerações. Vivemos diante da fluidez dos valores e da relativização da cultura. O idealismo que marcou gerações cede, agora, lugar para a busca desenfreada de experiências excitantes e momentâneas. Parece que as grandes causas que a juventude tomou parte no passado, já não chamam a atenção da geração atual, muitos se desiludiram ou simplesmente se cansaram das promessas "utópicas".

A juventude de hoje se concentra mais no presente do que no futuro, o imperativo que marca esse grupo é o "aqui" e "agora", desencadeando uma busca pela felicidade a todo custo, a perda de vínculos comunitários, e a vivência do máximo de prazer. Boa parte da juventude se aventura por experiências no mundo da droga e em práticas sexuais cada vez mais exacerbadas, considerando-as como sendo normais, sem medos ou preconceitos, em busca de experiências cada vez mais intensas de prazer.

No que toca às relações humanas, verifica-se uma mudança de paradigma da família, esta se fragmenta cada vez mais e os laços se encontram fragilizados com o crescimento número de divórcios e inversão de papéis entre pais e filhos. Muitas vezes, embora vivendo sob o mesmo teto, pais e filhos não dialogam entre si, e o sentimento de dependência é crescente. Cresce a busca pela identificação nas tribos e grupos, como também o desenvolvimento de relações virtuais no meio das redes sociais, que consolidam relações e identidade. O fenômeno das tribos marcadas pelo fechamento e pela mesmidade cria relações doentias que anulam as identidades e a capacidade crítica. Nas gangues e minosas da droga a situação é ainda mais agravante: muitas vezes por medo de serem eliminadas acabam por continuar retidas no grupo. Cresce a marginalização e a criminalidade, como é o caso das torcidas violentas organizadas (LIBANIO, 2001, p. 65)

Diante do complexo quadro delineamos acima, a Igreja e a sociedade precisam aproximar-se da realidade desafiadora da juventude na pós-modernidade. É necessário conhecer esse mundo e despir-se dos preconceitos comuns que verificamos no senso comum. Marcados pelo dinamismo

projetivo e inventivo, os jovens sonham com o futuro e com melhores condições de vida, gostam de usar sua criatividade e elaboram projetos para a transformação das realidades. Mas, para realizar seus desejos e projetos, os jovens brasileiros apresentam necessidades bastante concretas, como educação, emprego e a participação ativa na política e na sociedade. Por isso, pais, educadores e lideranças sociais precisam empenhar-se na formação humana dos jovens e oferecer-lhes condições para a inclusão e integração nos diversos espaços da sociedade.

O diálogo entre as gerações se torna mais necessário que nunca, é o meio pelo qual se consegue a compreensão e a valorização desse grupo, num universo marcado pela falta de oportunidades e a competição desenfreada, que deixam milhões a margem da sociedade todos os dias. Cabe ao Estado desenvolver políticas que busquem atender às demandas da juventude e que contribuam para o desenvolvimento de sua capacidade criativa. É preciso aumentar o acesso dos jovens aos estudos, aos trabalhos científicos e à inclusão digital, bem como criar condições dignas de moradia, lazer, saúde e investir pesado na formação humana e afetiva. As instituições políticas e sociais não podem mais desconsiderar as ca-

pacidades e as contribuições dos jovens para a transformação das realidades políticas e sociais, como a que verificamos recentemente na história do Brasil, durante a ditadura militar e o movimento dos "cara-pintadas", que lutavam pelo restabelecimento da liberdade de expressão e da democracia no país.

Recentemente assistimos também o movimento da "Primavera Árabe" nos países de maioria islâmica, em que vários movimentos jovens suscitados pelas redes sociais exigiam o fim dos regimes totalitários e o reconhecimento dos direitos civis. As redes sociais amplamente utilizadas pela juventude são também espaços de ricas vivências e intercâmbio de experiências solidárias. O poder do meio de comunicação em massa, devido à velocidade de informações, é um importante instrumento de conscientização e mobilização, mas é necessário formar a juventude para que esses meios sejam usados com responsabilidade ética.

A Igreja precisa também se interrogar a respeito de sua atuação pastoral no campo juvenil. Faz-se necessário uma conversão pastoral e mudança de mentalidade no trabalho com a juventude. A linguagem e a abordagem do anúncio do Evangelho precisam ser

adaptadas e, mais que isso, é extremamente necessária a acolhida desse grupo no seio da Igreja, para que se sintam capazes de criar identidade e se humanizarem. A Igreja precisa se posicionar diante do desemprego crescente e da falta de oportunidades e qualificação para a juventude, da precarização do acesso à educação, do envolvimento dos jovens com o crime organizado e com o tráfico de drogas, dos jovens viciados em diferentes tipos de drogas, daqueles que não possuem estrutura familiar organizada, que são vítimas da violência, dos que estão em situação de depressão e falta de sentido, daqueles que não possuem uma experiência religiosa sólida e coerente e que são carentes de princípios e valores que orientem suas vidas. (Texto-Base CF-2013, p. 87).

A Igreja precisa trabalhar na construção de uma catequese sólida, que possibilite ao jovem crescer na fé e se sentir participante do corpo eclesial. Movimentos e associações religiosas precisam também abrir-se ao universo juvenil, possibilitar-lhes a inserção nos grupos e acreditar no seu protagonismo, responsabilidade e liderança. Esse trabalho de inclusão da juventude só terá eficácia se toda a Igreja passar por um processo de conversão e mudança de mentalidade, como tam-

bém se sentir responsável pelo processo de educação e formação da juventude. Já encontramos alguns sinais de esperança que aparecem em diversas realidades no Brasil, como as pastorais de juventude espalhadas por várias dioceses, o trabalho realizado pela Fazenda da Esperança na recuperação dos dependentes químicos, os trabalhos pastorais realizados em universidades públicas e privadas, o surgimento de novas comunidades de vida, entre outras atividades.

Para abrir-se ao novo é necessário ter um coração aberto e acolhedor, despido dos preconceitos, disposto a caminhar junto. A juventude se apresenta como sendo essa grande novidade no tempo marcado por rápidas mudanças, e que exige de nós uma resposta concreta para os seus anseios e dificuldades. Muitas vezes, o que os jovens dizem sempre é bem acolhido no universo adulto, parece que há um problema de linguagem. No entanto, os sonhos, os projetos e as dificuldades que os jovens enfrentam atualmente precisam encontrar uma acolhida esperancosa e mista pelo mundo adulto, que os únicos capazes de oferecerem minhos novos para a geração que começa a dar seus primeiros passos nas diversas realidades desta sociedade. A maneira dos

jovens, única e original de pensar, capaz de gerar criatividade e inserir dinamicidade nas instituições não pode passar despercebidas. Faz-se necessário reconhecer o jovem como protagonista da mudança e da transformação social, e ajudá-lo a canalizar sua energia projetiva, inventiva e explorativa em busca da construção de uma sociedade mais igualitária e fraterna, rompendo com os individualismos típicos do sistema econômico.

Rodrigo Costa Silva
Graduado em Filosofia/UFJF

LITANIA DA PAZ

Dirig: Chega de escuridão

Todos: Queremos a luz da vida

Dirig: Chega do silêncio do medo

Todos: Queremos o barulho dos gestos de amor

Dirig: Chega de balas que se perdem

Todos: Queremos vidas que se encontram

Dirig: Chega da doença da solidão

Todos: Queremos a bênção da comunhão

Dirig: Chega de razões que justificam a guerra

Todos: Queremos as desrazões do amor

Dirig: Chega o apenas falar de paz

Todos: Queremos colhê-la, / lá onde verdadeiramente brota, / no pomar dos nossos atos de justiça.



Dirig: Chega de esperar por sinais da paz

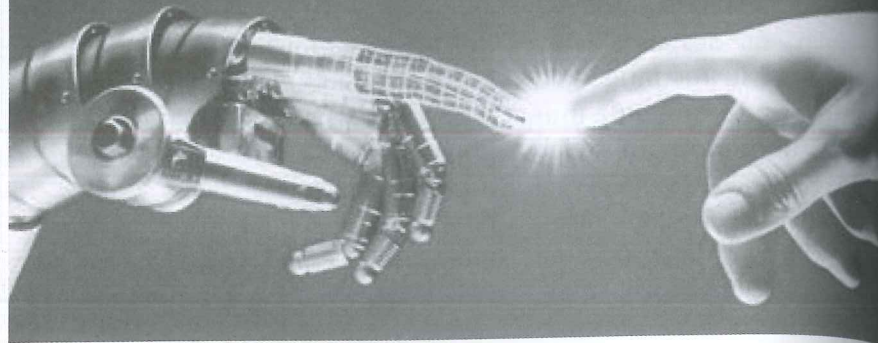
Todos: Queremos ajudar a construí-los.

Dirig. Oremos:

Todos: Senhor, / ajuda-nos a transformar / as armas do mundo / em novos empregos; / as bombas dos poderosos / em pesquisas para curar; / as intenções destruidoras, / em forças construtoras / de um novo tempo, / uma nova sociedade, / um novo ser. / Senhor, / ajuda-nos a forjar Contigo / o milagre da Paz. Amém!

(Pr. Edson Fernando)

PERDIDO EM 2043



Luli Radfaher

Da janela tudo parecia igual. Na rua, a mudança era grande. Os carros não tinham pilotos. O ar parece limpo. As pessoas, sujas. E magérrimas. Dava para confundilas com moradores de rua.

Elas aparentam ter uns 30 anos, me surpreendi ao saber que tinham mais de 70. Estavam na flor da idade, pois a expectativa de vida ultrapassava os 120.

Meu intérprete diz que a magreza contribuía para a longevidade e que a "sujeira" era biotecnologia, explorando micro-organismos na pele e cabelo e protegendo-os de agentes nocivos como álcool e sabões. Ele é um robô, tem a forma de um papagaio. Pousado no ombro, me faz parecer um pirata.

Apesar de ridículo, não me deixariam sair sem ele – por seguran-

ça, disseram, mesmo que o físico estivesse quase erradicado por ali. "Come-se muito pouco, guns nem dormem", continuava enquanto eu comia um prato cheio e gosto estranhos, que parecia lasanha de micro-ondas.

Era carne sintética, tecnologia que multiplicou a produção de alimentos para atender os 9 bilhões. Boa parte da comida era geneticamente modificada, reciclada, criada em laboratório.

Disseram que era nutritiva, livre de toxinas, o que pareceu demais para ser verdade. É difícil descrever o impacto de tantas máquinas inteligentes, onipresentes, no cotidiano. De ruas climatizadas e sempre limpas, cheias de prédios mutantes, parecia piscar e pular.

Não há computadores, celulares ou óculos. O software acompanha seu usuário na forma

"foglets", névoas de nanomáquinas que se configuram conforme a necessidade das pessoas. Não me acostumei com elas, por isso o papagaio. Ele me conta das mudanças ocorridas nas três últimas décadas. Quase toda instituição teve de se reformular depois que surgiram a energia gratuita e a nanotecnologia, limpando o ar, reciclando o lixo e gerando um volume quase infinito de recursos.

Nada mudou tanto quanto a medicina. Sangue, ossos e órgãos artificiais crescem nos laboratórios, são adaptados ao DNA de seus usuários e trocados desapeadamente em funilarias humanas. Privadas identificam doenças e previnem cânceres.

Neurocosméticos rejuvenescem a pele. Teme-se a eugenia, armas e drogas perigosas. O papagaio, fui descobrir, me vigiava. Visitante de outra época, sem histórico, eu era imprevisível.

Em 2043 boa parte da vida pessoal é monitorada, não se fala em privacidade. Os espaços comuns são de propriedade privada, toda comunicação é registrada e interpretada.

Muito do que chamam de memória é só armazenamento sem reflexão. Infraestruturas lembram de tudo, e como não esquecem,

não perdoam. Perdidas, muitas pessoas parecem sós, frágeis, infantilizadas, formatadas por mecanismos de busca e objetos de consumo.

Alguns, cansados das inconsistências humanas, recorrem a relações artificiais com máquinas. Do sexo enriquecido aos bebês que nunca crescem, tudo é artificialmente sereno.

O Mundo Novo parece tão Admirável quanto assustador. No "Tec" (o caderno do jornal), que tem 60 anos, continuamos a analisar o impacto da tecnologia no que teimamos em chamar de natureza humana.

Transcrito do Caderno Tec da Folha de São Paulo

QUESTÕES PARA REFLEXÃO:

Tome como referência os direitos fundamentais do ser humano e responda:

a) Vale a pena viver em formação social completamente monitorada, controlada por instrumental resultante do avanço tecnológico? Justificar.

b) O conteúdo deste texto reproduz, a ser ver, uma sociedade democrática? Justificar.

c) Como "ficam" os valores éticos e morais em uma sociedade moldada dentro dos paradigmas destacados neste texto?

POEMA

Fernando Pessoa

NAVEGUE.

Descubra tesouros.

Mas não os retire do fundo do mar.

O lugar deles é lá.

ADMIRE A LUA.

Sonhe com ela.

Mas não queira trazê-la para a Terra.

CURTA O SOL.

Se deixe acariciar por ele.

Mas lembre-se que seu calor é para todos.

SONHE COM AS ESTRELAS.

Apenas sonhe.

Elas só podem brilhar no céu.

NÃO TENHA DE TER O VENTO.

Ele precisa correr por toda parte.

Ele tem pressa de chegar.

NÃO APRESSE A CHUVA.

Ela quer cair e molhar muitos rostos.

Não pode molhar só o seu,

AS LÁGRIMAS?

Não as seque.

Elas precisam correr na minha, na sua, em todas as faces.

O SORRISO?

Esse deve-se segurar.

Não o deixe ir embora. Agarre-o!

QUEM VOCÊ AMA?

Guarde dentro de um porta-jóias.

Tranque, perca a chave!

Quem você ama é a maior jóia que você possui. A mais valiosa.

NÃO IMPORTA SE A ESTAÇÃO DO ANO MUDA.

SE O SÉCULO VIRA. CONSERVE A VONTADE DE VIVER.

Não se chega à parte alguma sem ela.

ABRA TODAS AS JANELAS QUE ENCONTRAR.

E as portas também.

PERSIGA UM SONHO.

Não deixe ele viver sozinho.

Alimente sua alma com AMOR.

Cure suas feridas com CARINHO.

DESCUBRA-SE TODOS OS DIAS.

Deixe-se levar pelas vontades.
Mas não enlouqueça por elas.
PROCURE...

Sempre procure o fim de uma história.

Seja ela qual for.

Olhe para o lado.

Alguém precisa de você.

ABASTEÇA SEU CORAÇÃO DE FÉ.

Não a perca nunca.

Mergulhe de cabeça nos seus desejos e satisfaça-os.

Agonize de dor por um amigo.

Só saia dessa agonia se conseguir tirá-lo também,

PROCURE OS SEUS CAMINHOS.

Mas não magoe ninguém nessa procura. Arrependa-se.

Volte atrás.

Peça perdão!

NÃO SE ACOSTUME COM O QUE NÃO O FAZ FELIZ.

Revolte-se quando julgar necessário,

ALAGUE SEU CORAÇÃO DE ESPERANÇAS.

Mas não deixe que ele se afogue nelas.

Se achar que precisa voltar.

VOLTE!

Se perceber que precisa seguir.

SIGA!

Se estiver tudo errado.

COMECE NOVAMENTE!

Se estiver tudo certo.

CONTINUE!

Se sentir saudades.

MATE-A!

Se perder um amor.

NÃO SE PERCA!

Se achá-lo.

SEGURE-O!

"CIRCUNDA-TE DE ROSAS.

AMA.

BEBE.

E CALA.

O MAIS É NADA."

DÊ SORRISO PARA QUEM ESQUECEU COMO SE FAZ ISSO.

Questão de



étodo

A filosofia moral vez por outra se vê confrontada com problemas mal formulados que gostariam de se passar por paradoxos astutos. Desmontá-los seria apenas um peculiar passatempo acadêmico, se eles não aparecessem periodicamente como premissas de raciocínios tortuosos na grande imprensa.

Tal astúcia constrói o que poderíamos chamar de “paradoxos morais de laboratório”. Trata-se de pequenos paradoxos do tipo: “podemos torturar alguém cuja confissão nos permitirá desativar uma bomba que matará dezenas de inocentes?”, com todas suas variantes possíveis.

Do ponto de vista da filosofia moral, não há exercício mais pueril do que procurar responder a tais inventivas. Pois elas pressupõem condições de laboratório, como: “sei que o sujeito torturado sabe algo sobre a bomba”, “sei que não há hipótese alguma de ter pego a pessoa errada”, “sei que ele falará antes de morrer”, “sei que a razão de sua ação é injustificável”. Como ninguém mora em um laboratório, mas de-

pende, no mais das vezes, da bondade da polícia ou desta “inteligência militar” na qual Groucho Marx viu a expressão mais bem acabada de uma tradição em termos, tais condições nunca são completamente asseguradas.

Mas paradoxos dessa natureza tem como verdadeira finalidade fracionar a ação a fim de retirá-la de todo contexto possível. Basta maneira de não começarmos a perguntar como chegamos a esta situação.

Longe de ser uma enunciação neutra, essa é uma enunciação profundamente interessada. Ninguém coloca uma questão dessas de maneira inocente, com ninguém pergunta inocentemente se negros são realmente tão inteligentes quanto brancos ou se o Holocausto realmente existiu na dimensão normalmente descrita. Perguntar as reais motivações do enunciador é uma boa maneira de começar a desmontar o paradoxo.

Mas pode ser que o enunciador queira apenas insistir que

em situações excepcionais, a tortura aparece como o último recurso dotado de certa eficácia. De fato, se tortura fosse realmente eficaz, as favelas brasileiras seriam um paraíso da paz. Melhor lembrar que a única eficácia realmente comprovada da tortura é sua força de corroer completamente o que restou das bases normativas do Estado. Pois se usamos a tortura contra o inimigo nº 1 da democracia, por que não usá-la contra o nº 2, o nº 3... o nº 54.327?

Ninguém pratica a tortura sem se transformar no verdadeiro inimigo da democracia. Por isso, seria o caso de perguntar: “Um Es-

tado que recorre sistematicamente à tortura merece ser salvo? No que ele se transformou? Ele merece ser justificado diante de situações que, muitas vezes, ele próprio ajudou a criar?”.

Vladimir Safatle

Transcrito da Folha de São Paulo

PROPOSTAS PARA REFLEXÃO:

Pensar a tortura como um método presente na construção histórica da sociedade brasileira.

- a) Existe, atualmente, tortura nas relações familiares, educacionais, de trabalho, políticas?
- b) É possível apontá-las e discorrer sobre elas?

Santo Agostinho

O orgulho é a fonte de todas as fraquezas. porque é fonte de todos os vícios

O supérfluo dos ricos é propriedade dos pobres

Não basta fazer coisas boas - é preciso fazê-las bem

Prefiro os que me criticam, porque me corrigem, aos que me elogiavam, porque me corrompem

O mundo é um livro, e quem fica sentado em casa lê somente uma página

URGÊNCIAS EDUCATIVAS

Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Os cenários socioculturais, religiosos e políticos indicam permanentemente que é preciso reconhecer as urgências educativas como prioridades, para fazer diferença nas dinâmicas, funcionamentos e nas respostas de demandas inadiáveis. Essas respostas estratégicas e urgentes para o alcance de um novo cenário na infraestrutura e, particularmente, nas relações sociais e políticas dependem de uma cultura com força de inspiração.

Princípios estratégicos e a inteligência da gestão não são suficientes para configurar o quadro novo que a sociedade brasileira, em se considerando o contexto socioeconômico propício, precisa – e sem mais adiamentos. Quando se analisa, por exemplo, a falta de mão de obra qualificada, torna-se mais visível o grande desafio que exige investimentos, formação técnica e articulações para inserir a população no contexto das dinâmicas e oportunidades de trabalho qualificado.

Mas também não bastam os investimentos na formação técnica de profissionais. Ao se pensar num horizonte de intocável respeito à



cidadania de todos, é preciso avançar na infraestrutura global, que abrange moradia, transporte, saúde, entre outros setores. A sociedade não vai avançar, na velocidade esperada e exigida, no ritmo das mudanças e das demandas que surgem neste terceiro milênio, se não for reconhecido o permanente desafio de empreender uma grande obra educativa e cultural.

Nesse caminho, é preciso ir além das dinâmicas político-partidárias, que, sozinhas, não garantem o avanço da sociedade, sobretudo quando se refere ao exercício da cidadania e necessidades da população. Com muita frequência, a exaltação partidária é uma atividade improdutiva e ultrapassada, particularmente quando se restringe a uma "latinha", com exaltação de feitos e figuras. No mundo contemporâneo não cabe mais esse tipo de prática. Basta pensar, por exemplo, o desafio de socialização, participação

abordagem que o mundo digital proporciona, gerando uma cultura diferente, que dilui concepções piramidais de funcionamento nas relações políticas e sociais. E quando há um coro dos que insistem em permanecer nos velhos funcionamentos, as entidades e instituições que abrigam esses atores caem no descrédito.

É importante consultar os índices de credibilidade de instituições, pois são indicadores para a reflexão sobre o conjunto de procedimentos que incluem a consideração da fidelidade aos princípios éticos, dinâmicas de funcionamento, atendimento com serviço qualificado e proximidade com o povo a partir de um diálogo corajoso. Discursos em eventos e efeitos produzidos apenas pela força da mídia não são suficientes para se colaborar na construção de um processo educativo e cultural necessário. Se o teor dessa análise parece complexo, a referência é diretamente vinculada aos funcionamentos de uma sociedade que está exigindo da classe política maior coerência e competência, para ações mais rápidas e qualificadas.

Exigência que expõe, particularmente, o desafio de se alcançarem mecanismos inteligentes de burocracias governamentais, também responsáveis pelos atrasos no desenvolvimento da sociedade. Um as-

pecto a se analisar, por exemplo, é o absurdo da demora nos investimentos nas estradas. A morosidade alimenta o processo vergonhoso que produz um número de mortes equivalente ao das guerras.

A grande obra educativa e cultural, indispensável para avançarmos, supõe a participação de todos, investimentos acertados, empenho responsável de cada um. Sua influência determinante a faz ser, sempre, o ponto de partida, em tudo e para tudo, na compreensão de que é necessário deixarmos guiar por uma imagem integral da pessoa, respeitando todas as dimensões do seu ser e subordinando as necessidades materiais àquelas espirituais e interiores. Uma obra educativa e cultural só é inesgotável quando assentada sobre valores morais e espirituais.

Dom Walmor Oliveira de Azevedo
é Arcebispo metropolitano
de Belo Horizonte

Transcrito do "Estado de Minas"

SUGERE-SE:

1) Refletir sobre os cursos técnicos e a educação cidadã em prática no Brasil.

2) Refletir sobre os valores morais, espirituais e a construção da obra educativa e cultural, objetivando a um contínuo exercício de construção de cidadania.

PAPEL DE PÃO

Numa interessante iniciativa, não se sabe de quem, padarias tem utilizado suas sacolas de papel para circular informações de interesse geral, algumas de qualidade, outras nem tanto. O texto abaixo circulou numa dessas sacolas e seu teor é do maior interesse, pois trata-se de assunto que tem ocupado frequentemente tanto a mídia como as rodas de bate-papo entre amigos ou em família. Temos certeza que sua leitura suscitará muita reflexão a respeito.

Viva a diversidade-VIVA A DIFERENÇA. Se todos fossem iguais o mundo não seria perfeito.

CONVIVER COM A DIVERSIDADE É ESSENCIAL PARA FORMARMOS SERES HUMANOS MELHORES

O mundo é exatamente perfeito da maneira que é. Tudo absolutamente tudo tem seu lugar no mundo. Tudo que existe merece ser respeitado e viver. Cada um tem seu lugar no mundo, pois o sol é para todos...

Viva as diferenças... Viva a diversidade de tudo que vive...

Cada pessoa tem o direito de viver com dignidade e respeito sempre..,



O bullying nada mais é que resultado de preconceito e discriminação. E se esse comportamento aparece tão forte num grupo não inclui apenas crianças, é evidente que tudo começa fora do ambiente escolar. "Preconceito e discriminação são um traço cultural do que a criança tem em casa e, quando vai para a escola, leva isso com ela", diz José Afonso Mazzon, professor da FEA e responsável pela pesquisa.

E como transformar esse tipo de comportamento? Para Mazzon, mudar valores pode levar gerações para acontecer. Por isso, é tão importante que os pais atuem da maneira como eles mesmos lidam com o outro. É o velho exemplo de que não adianta ter um discurso contra o preconceito para a criança e tratar mal a empregada ou o porteiro da escola. Ouvir o que a criança tem a dizer e acompanhar o dia a dia dela na escola é o primeiro passo para evitar que se envolva de alguma forma com o bullying. "É fundamental a

criança conviver com a diversidade. Nas escolas, por exemplo, seria importante que os grupos de trabalhos não fossem fixos, e que existissem ações que unissem a escola e a família com o problema", diz Mazzon.

Isso não quer dizer que você deva criar situações para que o seu filho esteja com uma criança do outro

sexo, raça, religião. Sabe aquele dia que seu filho chegou da escola contando da risada que ele e os amigos deram do colega gordinho que caiu na aula de educação física? É exatamente nesse momento que você deve intervir para que essa atitude não se repita mais.

Ana Paula Pontes

fonte: www.revistaaoeser.globo.com

Dostoiévsky (1821-1881)

Os homens não se tornam ateus apenas, mas creem no ateísmo como em uma religião.

Creio que não existe nada de mais belo, de mais profundo, de mais simpático, de mais viril e de mais perfeito do que o Cristo. Se alguém me provar que o Cristo está fora da verdade e que esta não se acha nele, prefiro ficar com o Cristo a ficar com a verdade.

As coisas mais insignificantes têm, às vezes, maior importância e é geralmente por elas que a gente se perde.

Leon Tolstói

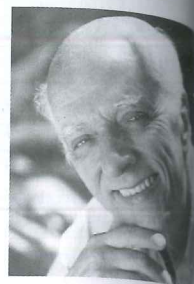
Há quem passe pelo bosque e só veja lenha para a fogueira.

Cristo mostra ao homem uma perfeição impossível de ser atingida, mas à qual ele aspira do fundo do seu coração. É mostrado ao homem um ideal, do qual o homem poderá sempre medir a distância que o separa. A doutrina de Cristo se parece com um homem que traz uma lanterna diante de si na ponta de uma vara, mais ou menos longa: a luz está sempre diante dele e lhe revela a todo momento um espaço novo que ela ilumina e que vai caminhando com ele.



Conclusão

que as pessoas mais desejam é alguém que as escute de maneira calma e tranquila. Em silêncio. Sem dar conselhos. Sem que digam: "Se eu fosse você".



A gente ama não é a pessoa que fala bonito. É a pessoa que escuta bonito. A fala só é bonita quando ela nasce de uma longa e silenciosa escuta. É na escuta que o amor começa. E é na não-escuta que ele termina. Não aprendi isso nos livros. Aprendi prestando atenção.

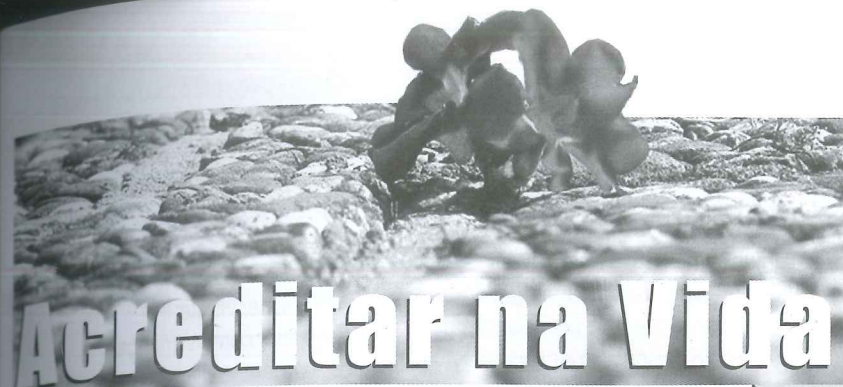
As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor.

Aprendemos palavras para melhorar os olhos. Há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem... O ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido! Eu quero desaprender para aprender de novo. Raspar as tintas com que me pintaram.

Desencaixotar emoções, recuperar sentidos.

Amor é isto: a dialética entre a alegria do encontro e a dor da separação. De alguma forma a gota de chuva aparecerá de novo, o vento permitirá que velejemos de novo, mar afora. Morte e ressurreição. Na dialética do amor, a própria dialética do divino. Quem não pode suportar a dor da separação, não está preparado para o amor. Porque o amor é algo que não se tem nunca. É evento de graça.

Aparece quando quer, e só nos resta ficar à espera. Quando ele volta, a alegria volta com ele. E sentimos então que valeu a pena suportar a dor da ausência, pela alegria do reencontro.



Acreditar na Vida

Não espere um sorriso para ser gentil...

Não espere ser amado para amar...

Não espere ficar sozinho para reconhecer o amor de quem está ao seu lado...

Não espere a queda para lembrar-se do conselho...

Não espere o melhor emprego para começar a trabalhar...

Não espere ter dinheiro aos montes, para então contribuir...

Não espere por pessoas perfeitas para então se apaixonar...

Não espere a enfermidade para saber quão frágil é a vida...

Não espere elogios para acreditar em si mesmo...

Não espere a separação para buscar a reconciliação...

Não espere a mágoa para pedir perdão...

Não espere ficar de luto para reconhecer quem hoje é importante para você!!!

Não espere a dor para acreditar na Oração...

Não espere o dia da sua morte sem antes...

Acreditar na vida!!!

ACM.

ACM, Clinton e John Lennon estão parados diante de Deus, que está sentado em Seu Trono Celestial. Deus, então, olha-os atentamente e lhes diz:

— Antes de assegurar-lhes um lugar ao meu lado, devo perguntar-lhes em que crêem.

Dirigiu-se ao Sr. Lennon e indagou-lhe:

— Em que acredita?

John olha nos olhos de Deus e lhe diz, apaixonadamente:

— Quero dar uma oportunidade a paz. A beleza é algo profundo dentro d'alma e nada está fora de nosso alcance quando trabalhamos suficientemente duro por aquilo que cremos. Paz aos homens!

Deus lhe sorri e oferece a John um assento a sua esquerda. Volta-se para Bill Clinton e lhe pergunta:

— E você, Sr. Clinton, em que acredita?

Bill levanta-se e, orgulhoso, lhe fala:

— Creio que a coragem, a honra e a paixão são fundamentais para a vida e durante toda a minha carreira política tenho dado forma a esses aspectos, especialmente a paixão.

Deus, impressionado pela sinceridade do discurso, oferece a Bill o assento a sua direita. Finalmente, volta-se para ACM:

— E você, Sr. Antônio Carlos, em que acredita?

— Acredito, sinceramente, que está sentado na minha poltrona.

AIR BAG.

Um casal viaja de carro na rodovia dos Bandeirantes a 100 km/h. A esposa diz ao marido:

— Querido, estamos casados há 15 anos, mas quero o divórcio.

O marido nada lhe diz e aumenta a velocidade para 120 km/h. A esposa continua:

— Não me peça para mudar de ideia. É um caso com seu melhor amigo, que é o melhor de cama que você.

O esposo, calado, aumenta a velocidade para 130 km/h. Ela continua:

— Quero a casa.

O marido aumenta a velocidade para 140 km/h. A mulher insiste:

— Exijo ficar com as crianças.

O esposo aumenta a velocidade para 150 km/h. Aí a mulher completa:

— Quero o carro, a conta corrente e os cartões de crédito.

O marido, calado, aumenta a velocidade para 160 km/h. A chatonilda, então, pergunta:

— Tem alguma coisa que vai querer?

Ele responde-lhe:

— Não, já tenho tudo.

— O que você tem? — pergunta-lhe a mulher. O esposo responde-lhe, alguns segundos antes de bater na mureta:

— Tenho o *air bag*! Você não o tem? Quá-quá...!

FRASES DE PÁRA-CHOQUE CAMINHÃO.

Deus pôde fazer o mundo em seis dias porque não tinha ninguém perguntando. Ele quando ia ficar pronto.

Em rio de piranhas, jacaré nada de crocodilo.

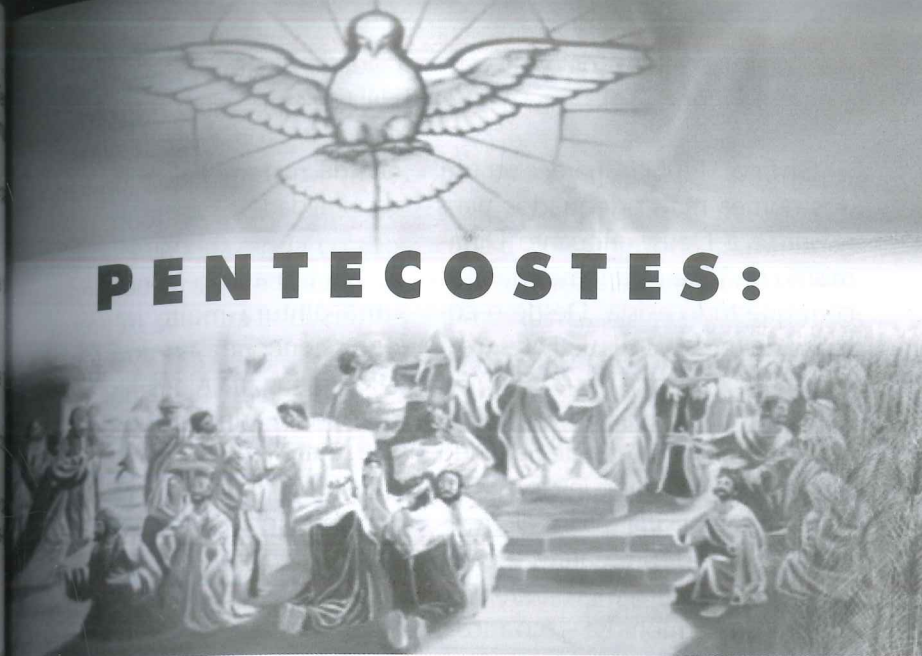
Enviei e casei com a cunhada para economizar sogra.

Macho que é macho não chupa mel, mas abelha.

Marido de mulher feia tem ódio de domo feriado.



PENTECOSTES:



'A coragem de deixar-se conduzir pelo Espírito'

Pe. Adroaldo Palaoro sj

"O Espírito Santo é o bom humor de Deus"

D. Pedro Casaldáliga

O relato da aparição do Ressuscitado aparece unido ao dom da paz, da missão, do Espírito e do perdão. João, que não relata o episódio de Pentecostes, já havia situado o dom do Espírito no momento mesmo da morte de Jesus que, "inclinando a cabeça, entregou o espírito". O que agora faz é confirmá-lo como dom do Ressuscitado.

A imagem de "soprar sobre eles" contém uma riqueza profunda: significa compartilhar o que é mais "vital" de uma pessoa, sua própria "respiração", seu mesmo espírito, todo seu dina-

misso; trata-se de uma imagem que nos faz sentir a respiração comum que compartilhamos com Ele e com todos os seres.

As angústias mais radicais do ser humano são reunidas e transformadas pelo sopro do Espírito: um sopro vital que possibilita a vitória da esperança contra o desespero, da comunhão contra a solidão, da vida contra a morte. A voz sopra onde quer, a Palavra vem do alto, o Espírito chega impetuoso rompendo o silêncio da morte. O Vento traz a

vida, mas não se sabe de onde vem e nem para onde vai.

De fato, "Espírito" parece ser um dos nomes mais adequados para referir-se a Deus, enquanto Dinamismo de Vida e de Amor que faz com que tudo exista. Desde o começo do tempo e desde antes, está acostumado a abrigar sua criação e habitá-la, a fecundar, remover e renovar tudo quanto existe. Segundo o livro do Gênesis, no início da Criação a multiplicidade dos elementos – "águas" – representava o caos. Ali o Espírito "pairava", criando uma integração harmoniosa – "cosmos". Ele é também Ela e todos os gêneros: é feminino em hebraico (ruah), neutro em grego (pneuma) e masculino em latim (spiritus).

O Espírito é dinamismo, vida, relação, comunhão divina. É alento, vento, água. É unguento, é consolo, é companhia. Espírito é invenção, é fonte de criatividade, de autêntica novidade. É fonte de novas possibilidades no mundo, energia inaugural de novas auroras. **É a energia materna de Deus que aquece o coração da Criação, e que tudo sustenta.**

Na bíblia hebraica, o Espírito apresenta forma feminina: é "a Ruah", a brisa, o "esvoaçar" de Deus sobre as águas, sopro impetuoso que gera vida, ar que impulsiona, alento ou respiração que mantém a vi-

talidade dinâmica do ser humano. Hálito, sopro, vento, respiração, brisa, calor... com nome feminino que fala de maternidade e de ternura de vitalidade e carícia.

Há um antigo ícone medieval de uma pintura muito interessante que se encontra em uma Igreja Urschalling, na Alemanha, que apresenta a Trindade, onde o Espírito, entre as figuras masculinas do Pai e do Filho, é representado com um rosto e um corpo de mulher. A Ruah, em hebraico, é sopro que possibilita a existência, o sopro de tudo o que vive, é um termo feminino: "a Espírito".

Nos relatos da Criação, a Ruah de Deus gera harmonia no caos, dando a cada criatura seu lugar, espaço que precisa para desenvolver suas possibilidades. Nessa criação adequada, cada erva, cada montanha, cada ser que vive, tem seu lugar e seu sentido.

Hoje somos conscientes e podemos agradecer essa presença da Ruah como presença feminina naquelas e naqueles que se empenham pela paz e pela justiça em sua cumplicidade com os valores que favorecem a vida, na contribuição do ecofeminismo para a integridade da Criação.

Desatar a dimensão feminina que mulheres e homens trazem

dentro de nós é sinal do movimento da Ruah. Acolher em nós seu potencial de ternura, de cuidado e de resistência frente a todas aquelas situações e forças que desintegram a vida; fazer da colaboração, da interdependência, do diálogo e da abertura às diferentes culturas e às diferentes tradições espirituais maneiras novas e necessárias de situar-nos no mundo.

O ser humano vive tencionado entre dois polos, entre luz e escuridão, entre céu e terra, entre fragmentação e unidade, entre espírito e instinto, entre solidão e vida comum, entre medo e desejo, entre amor e ódio, razão e sentimento... Essa é a terra propícia onde atua o Espírito. Onde há mais carência, vulnerabilidade, pobreza... há mais criativas possibilidades. Nenhuma situação pode afastar-nos de Sua visita; pelo contrário, maior desamparo, maior proximidade; maior sofrimento, maior união.

Toda terra baldia é boa para o Espírito. Ele é o buscador incansável de fragilidades e de conflitos. No não-amor, na não-existência, na não-possibilidade, vem com um "sim" ousado e forte que re-cria de novo nossa história, estabelecendo o "cosmos" (harmonia e beleza) em nosso "caos" existencial.

Viver uma "vida segundo o Espírito" é deixar-nos recriar,

deixar-nos mover, transformar, alargar.

Soltar as asas nos momentos mais petrificados e pesados de nossa vida é sinal de sua silenciosa Presença. De imediato, nos sentimos livres do peso que fomos arrastando durante tanto tempo e, por uns instantes, nos atreveremos a "viver no Vento".

Eduardo Galeano tem uma bonita história sobre o voo do Albatroz que poderia ser uma parábola sobre a vida conduzida pelo Espírito:

"Vive no vento. Voa sempre, voando dorme. O vento não o cansa nem o desgasta. Aos sessenta anos, continua dando voltas e mais voltas ao redor do mundo.

O vento lhe anuncia de onde virá a tempestade e lhe diz onde está a costa. Ele nunca se perde, nem esquece o lugar onde nasceu; mas a terra não lhe pertence, tampouco o mar. Suas patas curtas mal conseguem caminhar, e flutuando se enfastia.

Quando o vento o abandona, espera. Às vezes o vento demora, mas sempre volta: busca-o, chama-o, e o conduz. E ele se deixa conduzir, se deixa voar, com suas asas enormes planando no ar".

Falar do Espírito e celebrar Pentecostes é, portanto, celebrar a festa, a vida. Ele é o Sopro último, o Dinamismo vital que pulsa em todas as expressões de vida que podemos ver e que nelas se manifesta. Não há nada onde não possamos percebê-lo, nada que não nos fale d'Ele. Ele é o "ambiente de realização do ser humano", porque n'Ele a vida adquire profundidade, consistência..., dando-nos firmeza à vontade, equilíbrio aos sentimentos e iluminação à mente.

Não é estranho que, com o Espírito, Jesus envia seus discípulos em missão: é o mesmo Espírito – seu sopro – aquele que quer manifestar-se em nós e quer que nos deixemos conduzir por Ele, como aconteceu com Jesus.

**Textos bíblicos: Atos 2,1-11
Jo. 20,19-23**

Creia no Espírito Santo, pois
"sem o Espírito Santo, Deus está

distante, Cristo permanece no passado, o Evangelho é letra morta, a Igreja é uma simples organização, a autoridade é tirania, a missão é propaganda, a liturgia é arcaísmo, e a vida cristã é uma moral de escravos.

Mas no Espírito, e numa sinergia indissociável, o cosmos é enobrecido pela iluminação do Reino. O ser humano luta contra o egoísmo, o Cristo ressuscitado se manifesta no presente, o Evangelho é uma força vivificadora, a Igreja realiza a comunhão trinitária, a autoridade se transforma em serviço, a liturgia é memorial e antecipação, e a ação humana é divinizada. (Patriarca Ignacio de Antioquia em Upsala, 1968).

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Santa Ruah. Amém.

Pe. Adroaldo Palaoro
Coordenador do Centro de
Espiritualidade Inaciana

A reputação de um médico se faz pelo número de pessoas famosas que morrem sob seus cuidados

A vida é uma pedra de amolar: desgasta-nos ou afina-nos, conforme o metal de que somos feitos

O pior pecado contra nosso semelhante não é o de odiá-los, mas de ser indiferetes para com eles

George Bernard Shaw

O TEMPO E O CONCÍLIO VATICANO II

Rodrigo Botero Montoya*

Em outubro de 1962, começaram os trabalhos do Concílio Ecumênico convocado pelo Papa João XXIII. No discurso que pronunciou ante os bispos de todo o mundo, para inaugurar as deliberações do Concílio, o Papa fez referência à inconformidade dos setores mais tradicionalistas da Cúria Vaticana com a iniciativa: "No exercício cotidiano de nosso ministério pastoral, e para nosso imenso pesar, devemos escutar pessoas consumidas pelo fervor, mas de escasso juízo ou equilíbrio, que só veem no mundo moderno traição e ruína."

E continuou o Pontífice: "Sustentam que esta época é muito

pior que as anteriores. e procedem como se não tivessem aprendido nada com a História. No entanto, a História é a grande mestra da vida. Estamos obrigados a dissenter destes profetas do desastre, que passam o tempo prognosticando calamidades como se o fim do mundo fosse iminente. Pelo contrário, hoje a Providência nos guia para uma nova ordem nas relações humanas que, graças ao esforço humano, mas ultrapassando de longe as esperanças humanas, vai permitir-nos tornar realidade aspirações não sonhadas."

Essas palavras acabaram sendo premonitórias a respeito da magnitude das mudanças que o concílio terminaria propondo nas relações do catolicismo com a soci-



idade, com as outras religiões e com os ateus, com os estados e com o mundo contemporâneo. Também insinuavam a dificuldade que haveria na implementação das reformas propostas, tendo em conta o poder obstrucionista da burocracia vaticana

A tensão dinâmica entre o chamado ao *aggiornamento*, a vontade dos reformadores de corrigir e de reconciliar, e o imobilismo intransigente dos setores menos tolerantes da Cúria segue vigente. Por este motivo, a avaliação dos resultados do Vaticano II permite calcular a transformação religiosa que teve lugar e, ao mesmo tempo, reconhecer a capacidade que continuam tendo os profetas do desastre para frustrar o processo de renovação.

As realizações do Concílio incluem a reconciliação com o mundo moderno e com as igrejas protestantes, a erradicação do antisemitismo católico, a aceitação do Estado laico e o compromisso com a paz e a defesa dos direitos humanos. Acabou-se com Contra-reforma e com o obscurantismo da *Syllabus*

Eu continuo a ser uma coisa só: um palhaço, o que me coloca em nível mais alto do que o de qualquer político

Charlie Chaplin (Carlitos)

Errorum de Pio IX. Entre os recessos revisionistas, devem ser mencionadas a semideificação papal, o conseqüente culto à personalidade, a crescente centralização decisória em Roma em detrimento da autoridade dos bispos, e o retorno à prática de formular condenações. Neste sentido, teólogos progressistas são censurados; a lógica do mundo laico é condenada e religiões americanas são investigadas por dedicar excessiva prioridade aos pobres.

Não obstante as tentativas de reduzir sua transcendência, o Concílio Vaticano II é reconhecido como o acontecimento religioso mais importante do século XX. Da mesma forma, e apesar dos esforços de seus detratores para desmerecer sua obra, o transcurso do tempo foi confirmando o significado da figura histórica de Agostino Giuseppe Roncalli, João XXIII, *il Papa buono*.

Rodrigo Botero Montoya
economista e foi ministro da
Fazenda da Colômbia

Transcrito de O Globo



Devemos olhar para os pobres para servir ao Senhor que amamos.

Com a Basílica de São Pedro repleta de fiéis, o Santo Padre, o Papa Bento XVI, presidiu a celebração eucarística que encerrou o Sínodo dos Bispos, que teve como centro dos trabalhos a "Nova Evangelização".

Durante o Sínodo, os bispos presentes fizeram suas intervenções, apresentando suas preocupações e pontos de vista acerca do assunto. Nosso Bispo Diocesano, Dom Benedito Beni, teve a alegria de ser honrado com a convocação para o Sínodo e a graça de ter participado deste acontecimento tão importante para a vida da Igreja. Em sua intervenção, Dom Beni lembrou a importância da centralidade de Cristo para a evangelização, os desafios atuais, oriundos do secularismo, para a

propagação da fé e chamou a atenção para a indispensável consciência cristã de que todos os batizados são responsáveis pela evangelização do mundo.

Outro bispo latino-americano, Dom Hector Miguel Cabrejos Vidarte O.F.M., Arcebispo de Trujillo no Peru, fiel à tradição franciscana, afirmou que a evangelização só pode acontecer se for um ato de amor: "A mensagem de Jesus expressa o amor do Pai por cada um de nós e, em particular pelos mais débeis e necessitados desse mundo. Por este motivo, dar testemunho do Evangelho só pode ser um ato de amor, de partilha da alegria da nossa filiação e fraternidade em Deus..." Continuou Dom Héctor Miguel: "O amor expressa-se no serviço; nos anos do Concílio fa-

lou-se de uma Igreja servidora e Paulo VI confirmou-o com vigor e humildade, dizendo: *que o mundo saiba: não viemos para o conquistar mas o servir*. Segundo Dom Hector Miguel, os cristãos precisam saber encontrar caminhos novos de amor e serviço se quiserem semear a esperança no mundo de hoje.

Dom Jorge Eduardo Lozano, Bispo de Gualaguaychú na Argentina, fez uma belíssima intervenção, uma das mais significativas para a evangelização na América Latina, a meu ver. Disse Dom Jorge, que não podemos nos esquecer que a *"Igreja na América Latina vive e evangeliza na região do planeta com as maiores desigualdades. A diferença entre os ricos e os mais desfavorecidos é enorme e insuperável, e nos faz lembrar a parábola do pobre Lázaro que se nutria com as migalhas caídas no chão."* Afir-
mou ainda: *"Há países nos quais a metade dos pobres são crianças"*.

Segundo Dom Jorge, no nosso continente e no mundo, a pobreza não é um problema meramente econômico ou sociológico, mas evangélico, religioso e moral. Os rostos dos pobres e dos marginalizados são o rosto sofredor de Cristo. Num mundo que pretende escondê-los, transformá-los em seres invisíveis e considerar normal a pobreza, a fé encoraja aos cristãos a pô-los no centro da atenção

pastoral. O empenho em promover a libertação do pecado e das conseqüências, sobretudo a exclusão social, é uma condição para que ocorra uma nova evangelização em nosso continente. Na Conferência de Aparecida (CELAM) o Papa encorajou nossas igrejas a combater com impulso renovado a opção pelos pobres. Para Dom Jorge Lozano, não pode haver uma opção autêntica pelos pobres sem um compromisso firme a favor da justiça e a mudança das estruturas do pecado que organizam a sociedade, favorecendo uma mínima participação da população mundial que monopoliza os bens da criação.

Eloqüente e lucidamente, concluiu o Bispo argentino: *"A nossa proximidade aos pobres não é necessária só para tornar credível nossa pregação, mas também para tornar cristã e não um bronze que soa ou um cimbalo que retine"*. Conforme suas palavras proféticas, qualquer esquecimento ou colocação em segundo plano das crianças e dos humildes faz com que a nossa mensagem cesse de ser uma Boa Notícia para se transformar em *"palavras vazias e melancólicas, sem vitalidade nem esperança. Devemos olhar para os pobres, dirigir-nos a eles para sermos o Senhor que amamos"*.

Pe. Fabricio Beckmann
Colaboração da Coord. De São Paulo

SUBSÍDIO PARA ENCONTROS DE NOIVOS

MÓDULO III - Administração do lar

"Para que serve o dinheiro na mão do insensato? Para comprar a sabedoria? Ele não tem critério."
(Provérbios 17,16)

Dinheiro é um item a ser olhado com muito cuidado. Tanto o dinheiro em falta, como em excesso, podem trazer problemas. Em terapias conjugais se constata que o dinheiro que sobra é o que gera mais problemas. No entanto, é preciso planejar juntos como gastar o dinheiro que ambos ganham. Saber organizar os gastos, prever as despesas, economizar o que sobra, sem, contudo, ser obcecado por "guardar".

Quem vai casar precisa:

- Rendimento estável
- Mínimo de economia
- Não ter dívidas que não possa saldar.
- Casamento – festa, viagem e mobília do lar.



✓ Não fazer nenhum compromisso além de suas possibilidades, o casamento passa e as contas ficam.

· A importância da estabilidade nos

primeiros meses.

✓ A fonte do dinheiro é a fonte dos conflitos, quando falta em casa o pão, todos brigam e ninguém tem razão.

✓ Determinar antes do casamento se a mulher vai continuar trabalhando ou não. Hoje prevalece a necessidade econômica, o trabalho da mulher fora de casa, embora necessário para muitos casais, deve ser bem administrado para que o cuidado da casa e dos filhos não sofra prejuízo.

• Não há dinheiro ou compensação de qualquer outra natureza que pague o preço de um pai ausente, e principalmente de uma mãe.

• Após o casamento não deve existir dinheiro só "meu": o dinheiro é "nosso". O padrão de vida de solteiro é diferente.

• Fazer previsão e organização quanto aos gastos mensais. Determinar os rendimentos, as despesas e manter a contabilidade caseira. Os gastos têm que ser planejados. É muito importante ter sob controle as contas que temos a pagar dentro do mês. Sem esta organização, pode-se esquecer de pagar alguma, e ter surpresas desagradáveis.

• A organização das contas já pagas também é importante, pois na hora de fazermos a declaração de imposto de renda temos todos os recibos organizados, evitando muito trabalho para achá-los se estiverem no meio de uma bagunça.

• Cuidado para não provocar o desequilíbrio financeiro na família.

• Ânsia de possuir (consumismo), comprar porque está barato, porque o vizinho ou parente tem ou porque a TV oferece.

• O cartão de crédito é meio fácil e prático de comprar objetos e serviços. Poucas pessoas carregam muito dinheiro. Mas não for usado com cuidado pode trazer muitos problemas.

• Ter para valer mais é status, às vezes tudo não passa de castelo de areia.

• Facilidade dos créditos e dos financiamentos: Os tempos de repensar nossos gastos e compras desnecessárias.

Como a oferta da maioria das mercadorias é abundante e alguns preços convidativos, acabamos comprando coisas que não precisamos.

Comprar é excitante, dá prazer e torna alguns aspectos da nossa vida mais confortáveis. Mas por impulso e atraídos por preços convidativos, especialmente grandes liquidações, acabamos comprando para casa coisas que realmente não precisamos e muitas vezes nem usamos.

• Há casais onde um prefere sacrificar hoje para ter mais segurança amanhã. Outros querem gozar a vida hoje e não se preocupar com dia de amanhã.

• Contas menores e principais: moradia e alimentação

• Continuar ajudando os pais ou não. Conversar antes do casamento.

• Casal cristão – diferenças salariais não se transformam em diferenças conjugais.

• Cônjuge pão-duro; não diz quanto ganha...

Conta um certo Padre que ouviu de uma esposa, que ela "roubava" dinheiro do marido, já que ele não lhe dava o mínimo necessário até para comprar as suas roupas íntimas...

• Poupança: ele para um carro, ela para uma casa. Conversar antes do casamento pra chegar a um consenso, definindo os objetivos a curto, médio e longo prazo.

• **Poupar** é o ato de separar parte da receita obtida, com sua atividade produtiva (salário, prêmio, aluguel, pró-labore, etc.) em intervalos de tempo (geralmente mês a mês), e guardá-la para formar uma **poupança**, com o objetivo de **investir** em algo que se deseja.

• Conta conjunta – quando os dois são maduros e responsáveis dá certo.

• Dívida ou investimento? Assumir ou não?

• Não usar pais e amigos como muleta. A dívida é de responsabilidade só do casal.

• Elaborar sempre um orçamento familiar.

• Despesas fixas: moradia, alimentação, díizimo, empregada doméstica...

• Despesas variáveis: vestuários, medicamentos, impostos, lazer, utilidades para o lar, presentes, oficinas...

• Despesas extras: viagem e férias.

"Recebei a instrução e não o dinheiro. Preferi a ciência ao fino ouro," (Provérbios 8,10)

"Nenhum servo pode servir a dois senhores: ou há de odiar a um e amar o outro, ou há de aderir a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro."

(São Lucas 16,13)

**SENPREC
SECRETARIADO NACIONAL
DE PREPARAÇÃO PARA O
CASAMENTO**

Evangelização e Missão Profética da Igreja

Novos Desafios

I. O testemunho de fé cristã e o Pluralismo Cultural e Religioso

Atuação da Igreja em favor da pessoa, da comunidade e da sociedade na superação do relativismo e na convivência no mundo pluralista. *(Publicado na edição 81)*

II. O compromisso da Igreja em termos de inclusão social

Atuação da Igreja diante do fato chocante da desigualdade e de miséria, apontando caminhos de superação.

III. A Dignidade Humana e a Biotecnologia

Atuação diante dos avanços e conquistas da ciência e a necessidade de respeitar os critérios éticos de prioridade à Vida.

O compromisso da Igreja em favor da inclusão social

A Realidade da Exclusão Fenômeno chocante

No mundo, a cada três pessoas, duas vivem na pobreza!

Trata-se de um fenômeno mundial com situações insuportáveis de **marginalização, exclusão e miséria**, aumentando o contras-



te entre ricos e pobres - entre países e dentro de cada país

A sociedade brasileira evolui e se transforma.

O país se desenvolve e produz mais riqueza, **mas o flagelo da pobreza e da miséria continua.**

Para os discípulos de Cristo esta situação se apresenta como desumana e intolerável. Constitui um desafio para os cristãos pessoas de boa vontade.

É motivo de **alegria e esperança o empenho crescente de pessoas e grupos** da sociedade em combater as desigualdades e superar a exclusão.

A **pobreza, a fome e a violência ameaçam a dignidade humana** cuja promoção deveria ser o objetivo último da produção de bens e da organização política.

A dignidade humana deve

siderar o respeito aos direitos fundamentais da pessoa humana: **alimentação, saúde, educação, trabalho, moradia.**

Os meios de comunicação no mundo globalizado tornam mais visível o sofrimento dos pobres.

ARAZ DA EXCLUSÃO

O fenômeno da exclusão tem muitas dimensões e formas. Há causas diversas: econômicas, políticas, culturais e éticas.

A busca desenfreada do dinheiro e o acúmulo da riqueza viraram o objetivo maior: produzir mais, maior consumo, vender mais, e aumentar assim mais os lucros.

Também causa exclusão social a desigualdade da sociedade brasileira. O Brasil é campeão na má distribuição da riqueza.

A **riqueza hoje se concentra** no imobiliário e nas finanças.

Ao processo de globalização corresponde uma progressiva perda de poder do Estado, refém do mercado financeiro internacionalizado.

AS MULTINACIONAIS DEFINEM AS REGRAS DE JOGO.

A exclusão social é causada ainda pela **transformação do mundo do trabalho.** As novas tecnologias mudam os processos de produção.

O **desemprego estrutural** aumenta. Muitos trabalhadores caem na **informalidade.**

A crescente **dívida externa** espolia os países pobres de recursos para promover políticas econômicas e sociais.

Constitui motivo de preocupação o pagamento de juros da dívida pública pelos cortes nas verbas destinadas a **gastos sociais.** Nossa taxa de juros é a mais alta do mundo.

O fator que agrava a situação moral do Brasil é o **crime da corrupção generalizada e impune.**

Tornou-se um hábito cultural em nosso país, atingindo o setor privado e público e as diversas camadas sociais.

RENDIA, TERRA E TRABALHO

No Brasil, nas últimas décadas, o aumento da riqueza não foi acompanhado por uma melhor distribuição. Em 2003, **1% dos brasileiros mais ricos se apropriaram de 13,0% da renda total do país, enquanto os 50% mais pobres receberam apenas 13,3%.**

A **má distribuição da terra** expressa a concentração de renda que cresce pela promoção do **agronegócio.** Muitos pequenos agricultores tiveram que deixar sua terra e migrar para as periferias dos grandes centros urbanos.

A **reforma agrária** avança com muita lentidão e a **política agrícola inadequada** não têm conseguido deter o processo de exclusão no campo.

Nos últimos dez anos, o desemprego aumenta regularmente. Merecem também atenção os **jovens sem trabalho**, sem formação profissional, sem esperança de poder constituir uma família.

A situação de vida de muitas **crianças nas ruas** - sem saúde nem escola - lança um brado em prol da vida e da justiça.

Dramática a **vida de muitas adolescentes** - prostituídas ou exploradas no trabalho - para conseguir condições mínimas de sobrevivência. As vítimas do tráfico de drogas são condenadas à morte antecipada.

Clamam por justiça também os **idosos** com escassa aposentadoria e assistência de saúde insuficiente. Os **presos** estão amontoados, sem amparo legal, em condições infra-humanas.

A **população indígena** está espoliada de suas terras, tradições e culturas. As **populações quilombolas e sertanejas** das regiões mais pobres do país continuam abandonadas.

CONSTRUIR A INCLUSÃO SOLIDÁRIA

Vencer a exclusão é um imperativo ético, moral e espiritual.

Não depende só de mudanças no comportamento individual. São necessárias decisões e políticas

públicas em âmbito nacional e internacional.

Encontramos gestos e atitudes de ajuda e de solidariedade ao encontro das necessidades de irmãos e irmãs vítimas da exclusão. Muitos pobres sabem partilhar o pouco que têm.

A luta pela justiça é causa comum da sociedade.

A Igreja Católica oferece contribuição mediante seu Engajamento no Social. Destacamos alguns princípios:

- **A dignidade essencial** de toda e qualquer pessoa humana;

- **A destinação universal dos bens:**

"Todos os outros direitos, incluindo os de propriedade e comércio livre, estão-lhe subordinados...";

- **A solidariedade:**

"É determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum, ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos";

- **A subsidiariedade:**

"Vejam os pobres não como um problema, mas como possíveis sujeitos e protagonistas de um futuro novo e mais humano para todo o mundo".

O PAPEL DO ESTADO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS

O Estado tem responsabilidade própria no combate à exclusão. Políticas públicas prioritárias para alcançar este objetivo:

Reforma Agrária com uma adequada política agrícola.

Reforma Urbana com políticas de urbanização, para melhorar as condições de vida da população migrante.

Favorecer a economia solidária, definindo estratégias para enfrentar as consequências do avanço tecnológico.

Superar o analfabetismo com ações e empenho para assegurar uma política educativa com inclusão social.

Reforma Tributária que corrija o excesso de impostos e permita fazer frente ao desemprego e à desigualdade.

Luta contra a corrupção e a impunidade, através de legislação rigorosa e de aplicação rápida das leis.

Controle administrativo, com participação popular, dos bens e serviços públicos essenciais universais, contra a lógica do mercado.

Direito dos povos indígenas e afro-brasileiros.

Acesso à seguridade social, direito de todo cidadão.

Defesa da Soberania Naci-

onal e a formação de blocos regionais como o Mercosul.

Proteção do meio ambiente, e que seja dada uma atenção diferenciada à Amazônia.

Educação nas escolas para a superação do consumismo.

Promoção da segurança alimentar e nutricional.

INICIATIVAS DA SOCIEDADE CIVIL

É função da sociedade civil defender os interesses gerais ou específicos dos cidadãos contra as formas de dominação do Estado e do mercado globalizado.

Entre as **iniciativas da sociedade civil**, destacamos:

- **O avanço das mulheres na conquista de seus direitos** e novos espaços, contribuindo para a humanização da sociedade, para a harmonização das relações e para alternativas de trabalho e de educação popular.

- **Os próprios excluídos são sujeitos** do processo de transformação de suas condições de vida. É importante o resgate da memória das lutas e dos líderes do povo.

- **A criação de novas formas de trabalho** é prioritária na luta contra a exclusão.

Existem múltiplas experiências de trabalho comunitário no âmbito duma economia justa e solidária: cooperativas, oficinas, lojas e empresas comunitárias, etc.

A finalidade do trabalho comunitário não é o lucro, mas a satisfação das necessidades básicas da população.

A produção se baseia na colaboração e solidariedade entre os trabalhadores. A sociedade civil deve exigir que o Estado ajude na promoção destas **novas formas de trabalho**.

- No seio da sociedade civil **multiplicam-se os espaços de comunicação e partilha** onde cada um se sente reconhecido e acolhido, e reencontra sua autoconfiança e dignidade.

Constitui real avanço a crescente consciência de algumas empresas quanto à sua **responsabilidade social**.

A ATUAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA

A Igreja Católica no Brasil teve presença significativa na vida do País. Acumulou rica experiência humana, ética e espiritual:

- A criação do **Movimento de Educação de Base (MEB)** em 1961, com o projeto de alfabetização de jovens e adultos.

- A **defesa dos direitos humanos** no tempo do regime militar favoreceu maior integração com os setores democráticos. A Igreja contribuiu para a elaboração da Constituição de 1988.

- A **opção evangélica pelos pobres** renova a participação e a partilha na Igreja e incentiva o espírito missionário.

- As **Comunidades Eclesiais de Base** e os Círculos Bíblicos constituem para os pobres um modo de viver a dimensão fraterna e a missão evangélica.

- As **Pastorais Sociais** representam significativa participação na construção de uma sociedade de justa e solidária.

- As **Campanhas da Fraternidade** são momentos fortes

- Da Campanha de 1995, cujo tema era "Fraternidade e os Excluídos", nasceu o "**Grito dos excluídos**".

- Na década de 90, início das **Semanas Sociais Brasileiras**

- O "**Mutirão Nacional de Superação da Miséria e da Fome**" é uma manifestação de amor da Igreja pelos pobres.

- O **Mutirão pela Amazônia** quer responder melhor às necessidades sociais, culturais e espirituais dos amazônidas.

- A participação de católicos nas **comissões municipais**

- A **Cáritas Brasileira** é reconhecida na vida.

- As **Comissões Justiça e Paz** desenvolvem trabalho importante como a mobilização em favor da Lei 9840.

- As Escolas de "fé e política" e o Centro Nacional de Fé e Política "Dom Hélder Câmara" (CEFEP).

Conclue na próxima edição

MFC

MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO

EDITORIA & PUBLICAÇÕES

Atendimento aos assinantes, assinaturas novas, renovações e números anteriores

Distribuidora Fato e Razão

Rua Barão de Santa Helena, 68 - Granbery - Juiz de Fora - MG
Telefone: (32) 3214.2952 (De 12:00 às 16:30 h)
End. eletrônico: livraria.mfc@gmail.com

Venda de Livros, Revistas e Temários do MFC, pedidos e encomendas para remessa postal

Livraria do MFC

Rua Barão de Santa Helena, 68 - Granbery - Juiz de Fora - MG
Telefone: (32) 3214.2952 (De 12:00 às 16:30 h)
livraria.mfc@gmail.com

Publicações disponíveis na Livraria MFC

Temários de Reuniões

Preto no branco
Um passo adiante

Fato e Razão

Números anteriores

Livros

Amor e Casamento
Descomplicando a Fé
Eis o MFC
Cuidado Frágil

Colaborações e cartas de leitores

Coordenação da Equipe de Redação de Fato e Razão
Ladeira Alexandre Leonel, 1030/402 - Juiz de Fora - MG
CEP 36033-240